
EDUCAÇÃO FÍSICA

PEDRO PRATES FERREIRA DE LIMA
CANTANHEDE

O ESPORTE COMO FERRAMENTA DE
DOMINAÇÃO: UMA REFLEXÃO SOBRE
OLYMPIA



Rio Claro
2016

PEDRO PRATES FERREIRA DE LIMA CANTANHEDE

O ESPORTE COMO FERRAMENTA DE DOMINAÇÃO: UMA
REFLEXÃO SOBRE OLYMPIA

Orientador: Prof. Dr. Jorge Luís Mialhe

Co-orientadora: M^a Cleri Aparecida Brandt

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Biociências da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau
de licenciado em Educação Física.

Rio Claro
2016

796.19 Cantanhede, Pedro Prates Ferreira de Lima
C229e O esporte como ferramenta de dominação : uma reflexão
sobre Olympia / Pedro Prates Ferreira de Lima Cantanhede. -
Rio Claro, 2016
59 f. : il., tabs.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Educação
física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de
Biociências de Rio Claro

Orientador: Jorge Luís Mialhe

Coorientadora: Cleri Aparecida Brandt

1. Educação física. 2. Nazismo. 3. Cinema. I. Título.

Dedico este trabalho de conclusão de curso
a todos que me acompanharam
nessa minha jornada

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Divina Presença, que me acompanha desde sempre e guia meus passos sempre que preciso.

Agradeço à minha família, pois sem o apoio e o incentivo dela, essa caminhada não teria começado e nem se sustentado.

Agradeço a todos meus amigos, professores e colegas que contribuíram de alguma forma para essa jornada e meu crescimento pessoal.

Agradeço ao meu orientador, Professor Jorge Mialhe, por todo seu acolhimento e apoio na confecção deste trabalho, pois sem estes, nada disso seria possível.
Que sua alegria em compartilhar o conhecimento e seu amor
pela História nunca esmoreça!

Agradeço a minha co-orientadora, Cleri Brandt, por toda sua atenção e por todos os conselhos, sem estes o presente trabalho não se concluiria nunca!
Muito obrigado Cleri!

Agradeço a minha professora e amiga, Maria Antonia, por suas aulas, pelas conversas e suas risadas, que você continue sendo a pessoa bela que é e que encontre forças sempre para continuar lutando pelo que acredita! Obrigado Prof!

Agradeço aos meus companheiros de Toca, Lu, Levy, Xuca, Batatinha e Pateta, e ao meu amigo Renan, por todos os bons momentos que compartilhamos e tudo que aprendi estando com eles! Muito obrigado galera!

Agradeço a todos meus companheiros de armas no Qwan Ki Do, principalmente ao Thomas e ao João que me acompanham já a tanto tempo, o apoio de vocês e os momentos que passamos juntos nesses anos significam muito para mim e vou carregá-los para sempre! Muito obrigado!

Toda as palavras do mundo não bastariam para expressar minha gratidão, mas mesmo assim deixo aqui meu agradecimento especial ao meu grande amor, minha companheira e minha amiga, Vanessa. Obrigado por tudo! Pelas conversas, pelo apoio, pelo incentivo e por tudo que compartilhamos nesses anos!

Com toda a certeza, sem você nada disso teria acontecido!
Que a luz te guie e as estrelas zelem por você!

A tudo, todos e todas, meus sinceros agradecimentos!

“O poder corrompe. O poder absoluto corrompe absolutamente.”
- John Emerich Edward Dalberg-Acton

Resumo

A pesquisa possui como foco a utilização do esporte e da Educação Física como ferramenta de dominação pelo Estado. O interesse pela temática surgiu a partir de leituras prévias sobre o período nazista, bem como seminários que contaram com trabalhos relativos ao tema. A pesquisa objetiva, a partir da análise de artigos, teses e recursos audiovisuais, compreender como o esporte, o corpo e a Educação Física contribuíram como ferramenta a favor do Nazismo. Este trabalho tem como propósito desenvolver uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, tendo como eixo principal o longa-metragem “Olympia” (1938) de Leni Riefenstahl, que traz parte dos acontecimentos dos “Jogos de Hitler”, as Olimpíadas de 1936 em Berlim. Busca-se analisar como, através de imagens, Riefenstahl buscou expressar a supremacia do povo alemão sobre os demais através do corpo e do esporte e como isso contribuiu para o fortalecimento do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (Partido Nazista). Assim, espero que a análise e o diálogo com demais autores que dissertam sobre o tema possam criar subsídios para futuras pesquisas e possíveis conclusões acerca do esporte como ferramenta de educação e dominação.

Palavras-chave: Educação Física, Corpo, Nazismo, Esporte, Cinema

Abstract

The research has focused on the use of sport and physical education as a tool of domination by the state. Interest in the subject arose from previous readings on the Nazi period, as well as seminars which involved work on the subject. The research aims, from the analysis of articles, theses and audiovisual resources, understand how the sport, body and physical education contributed as tools to favor Nazism. This work aims to develop a literature search of a qualitative nature, having as main feature film "Olympia" (1938) of Leni Riefenstahl, who brings part of the events of "Hitler's Games," the 1936 Olympic Games in Berlin. The aim is to analyze how, through images, Riefenstahl sought to express the supremacy of the German people above the others through the body and the sport and how it has contributed to the strengthening of the National Socialist German Worker's Party (Nazi Party). So I hope that the analysis and dialogue with other authors who lecture on the topic can create a basis for future research and possible conclusions about the sport as an educational and domination tool.

Keywords: Physical Education, Body, Nazism, Sports, Movies

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 SOBRE UM POVO, UM IMPÉRIO E UM LÍDER	12
3 SOBRE UMA JUVENTUDE	20
3.1 Sobre garotos e garotas	20
3.2 Sobre um corpo e uma educação	26
4 SOBRE UM ESPETÁCULO	29
4.1 Sobre uma mulher e um cinema	29
4.2 Sobre certos Jogos	31
4.3 Sobre um longa-metragem	33
4.3.1 Sobre nações em festa	34
4.3.2 Sobre uma bela festa	43
5 SOBRE UMA IDEOLOGIA, UM ESPETÁCULO E UM CORPO	49
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	55
ANEXO	57

1. INTRODUÇÃO

A história da humanidade é repleta de episódios sangrentos. Desde sempre o homem se engajou em disputas, conquistas e guerras. O motivo? Diversos. Território, alimento, riquezas, interesses políticos, ideais, visões de mundo, religião, etc. Dentre esses, foram os ideais que engajaram o homem em um dos momentos mais violentos do século XX: A Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Violenta não apenas pelo simples fato de ser uma guerra de escala global, mas pelos toques de crueldade gravados em suas páginas. Toques movidos por um ideal, a visão de mundo de Adolf Hitler, no início um mero jovem com aspirações artísticas e, posteriormente, líder supremo do Terceiro Reich (1933-1945), o império germânico que, em seus sonhos, acreditava que duraria por toda a eternidade.

Nesse momento histórico é que se baseia a presente pesquisa. Por meio da pesquisa bibliográfica busca-se realizar uma análise e reflexão acerca das concepções e propostas de intervenções nazistas de corpo e educação física, aliadas a própria educação formal e não-formal, e como estas propostas moveram toda uma nação em prol da higienização da sociedade alemã e de seu “fortalecimento” durante o período do Terceiro Reich (1933-1945). Para tanto, este trabalho tem como ponto de apoio principal o filme Olympia, de Leni Riefenstahl, onde são retratadas e documentadas as Olimpíadas de Berlim de 1936, os “Jogos de Hitler”, uma representação clara da visão nazista de corpo belo e uma tentativa de mostrar ao mundo a supremacia ariana do povo alemão.

A Educação Física desde sempre foi utilizada com os mais diversos objetivos: sobreviver, caçar, guerrear, divertir, homenagear e assim por diante. Tendo em vista a utilização da Educação Física em larga escala durante o período do Terceiro Reich resta-nos entender melhor qual foi seu papel em um processo educativo tão intenso e coeso quanto o do governo nazista sobre seu povo, pois, apenas compreendendo a história de um indivíduo, povo ou país podemos compreender mais profunda e claramente sua atual conjuntura e demais situações a ele semelhantes.

Não apenas na Alemanha tivemos uma procura tão grande pelos frutos da Educação Física para a população, aqui mesmo, no Brasil, passamos por diversos momentos históricos de utilização da educação do físico para se tentar atingir objetivos específicos. Mesmo a questão de higienização, presente durante o governo

de Hitler, foi buscada através da educação física para “embranquecer” o povo brasileiro e “salvar” sua pátria. A mistura entre política e esporte também não aconteceu apenas em território alemão, diversos países buscaram e buscam ainda hoje mostrar para os demais a sua supremacia através das vitórias nos campos, quadras e pistas. Porém, no passado, devido a uma rede menos coesa e veloz de informações, as conquistas no esporte geravam um impacto muito maior sobre os demais países, sendo um espelho das potencialidades da nação.

O objetivo principal deste presente trabalho, além é claro da análise e reflexão sobre o Terceiro Reich, é buscar compreender um pouco mais sobre a relação entre Educação Física e Nazismo, auxiliando na reflexão acerca de nossa prática enquanto profissionais da educação. Busca-se então com este trabalho realizar uma contextualização histórica do período nazista; compreender quais foram as concepções motrizes do Estado alemão em relação ao corpo, esporte e Educação Física; quais as intervenções do governo alemão na sociedade nessas áreas; e quais as consequências das ações do governo alemão para seu povo, relacionando, por fim, os fatos históricos relativos à Educação Física às imagens do longa-metragem “Olympia” de Leni Riefenstahl.

Para tal, o presente trabalho foi dividido em três grandes partes, o capítulo “Sobre um povo, um império e um Líder”, no qual ocorre uma contextualização histórica acerca da Alemanha, do povo alemão e de Adolf Hitler, “Sobre uma juventude”, onde trata-se da força motriz do Terceiro Reich, os jovens, e a educação por eles recebida, e “Sobre um espetáculo”, o capítulo que abrange um pouco da biografia de Leni, os Jogos de 1936, e a análise do longa-metragem Olympia.

Como sugere Severino (2000, p. 145), seja qual for a pesquisa, esta deve ter uma real significação para o pesquisador, de modo que lhe diga respeito, que lhe tenha relevância, pois, assim o indivíduo se postará próximo ao problema e à sua busca, a pesquisa não é mais algo isolado e distante, mas passa a fazer parte de sua vida, do “universo que o envolve”.

O indivíduo, como “ser culturalmente situado” (SEVERINO, 2000, p. 36) se constitui a partir do universo à sua volta, suas vivências e suas reflexões. Difícil seria analisar, refletir e criticar aquilo que não temos intimidade, pois seriam buscas demasiado rasas e vazias. Nosso arcabouço individual de memórias, sentimentos e reflexões é o que nos propicia a ação de pesquisar com propriedade certo tema. Meu interesse sobre o assunto vem da falta de informações claras em filmes, revistas e

aulas, onde não são abordados com profundidade os fatos ocorridos no governo de Hitler e muitos mitos e meias verdades são ditos. Assim, a curiosidade e a fascinação pela Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e pelo Terceiro Reich (1933-1945) constituem-se como as principais colunas de sustentação para o aprofundamento do tema proposto neste trabalho

A opção pela pesquisa bibliográfica baseou-se em dois pontos extremamente relevantes. O primeiro, a falta de recursos para uma pesquisa de campo, sendo que o fato histórico em questão se situa várias décadas no passado e a possibilidade de entrevistar pessoas que viveram o Terceiro Reich é pequena na atual conjuntura. Em segundo lugar, a pesquisa bibliográfica nos dá uma cobertura muito mais ampla sobre a gama de fenômenos que a pesquisa propõe, do que se a mesma fosse realizada diretamente (GIL, 2009).

Estudando a História podemos evitar, ou provocar, situações semelhantes em nossos processos educativos. Como nos pede um diretor de um liceu americano, sobrevivente dos campos de concentração nazistas, façamos de nossas crianças, “crianças mais humanas”, pois as câmaras de gás foram “construídas por engenheiros experimentados [as] crianças envenenadas por médicos educados; Bebês mortos por enfermeiras treinadas; Mulheres e bebês executados e queimados por diplomados de colégios e universidades” (HANNOUN, 1997, p. 233). A educação deve ser desconfiada e seus propósitos postos à dúvida.

Ao realizarmos uma análise histórica da Alemanha nazista, não podemos deixar de lado a história da Grécia Antiga, pois esta influenciou em muito os ideais de Hitler e, conseqüentemente, o de seu governo e governados, servindo como um molde em que o povo alemão se espelharia – e superaria –. Se na Grécia as práticas esportivas serviam “ao preparo para a futura vida militar e para as competições atléticas realizadas nos festivais; e ao embelezamento dos corpos e à melhoria de suas condições de saúde” (CERQUEIRA *apud* FERREIRA S., 2007, p. 5), o mesmo então seria realizado com a nação alemã.

Mas, para tudo isso ocorrer, era necessária uma mudança de concepção da própria prática da atividade física, essa deixada de lado já a algum tempo em favorecimento ao campo intelectual. A Educação Física então passaria a representar muito do cotidiano do povo alemão, como forma não só de melhorar a condição física propriamente dita da população, mas como uma maneira de assegurar sua hegemonia: gerando um senso de sacrifício próprio, de coragem, ao mesmo tempo

que demonstrava a todos o elitismo natural que os alemães possuíam, sendo assim o esporte era um culto secular de força física e resistência, conforme aponta Ferreira S. citando Kruger (2007, p. 3).

Segundo Ferreira S. (2007, p. 6), “a permanência do antigo na modernidade sempre existiu, e provavelmente não se perderá jamais, e pode obter re-leituras diversificadas, sejam elas positivas ou negativas”, dependendo de quem as faz, resta-nos então entender quais as interfaces relacionadas entre períodos históricos tão distantes e ao mesmo tempo tão semelhantes. Para elucidar melhor esse período recorreremos à análise de outros pesquisadores que estabeleceram diálogos com o tema para entender melhor como se deu ao certo a Educação Física para a população alemã e como o esporte foi utilizado como ferramenta para moldar a Alemanha, sobretudo com as Olimpíadas de 1936 em território alemão. Dentre outras fontes, não poderíamos deixar de lado o filme *Olympia*, pois

[...] não há imagem melhor resumida das Olimpíadas Nazistas do que no clássico filme de Leni Reifenstahl. Aqui podemos ver o mais perfeito esporte no mais perfeito ajuste; esporte na tradição dos antigos Gregos. Mas desta forma não eram mais os Gregos de Atenas, o berço da democracia; eram os Gregos de Esparta, guiados pela mais bárbara das ideologias e armados com a grandeza da tecnologia moderna. (KRUGER *apud* FERREIRA S., 2007, p. 6).

Como podemos notar, corpo, esporte, educação física, Grécia Antiga e Alemanha, andavam de mãos dadas durante o período do Terceiro Reich (1933-1945), a partir deste trabalho buscamos então, investigar a problemática de quais foram as maneiras que o culto ao corpo e ao esporte auxiliaram na ascensão alemã em busca de sua supremacia frente ao mundo, tendo como eixo o filme “*Olympia*” de Leni Riefenstahl.

2. SOBRE UM POVO, UM IMPÉRIO E UM LÍDER

Ao se pensar na história da Alemanha, dificilmente, em algum momento, não se é lembrado do Nazismo. Algumas palavras como quaisquer outras, símbolos que poderiam estar estampados em qualquer camiseta, pessoas como as de qualquer outra nação, mas que gravaram de tal forma a história da humanidade que hoje se torna difícil desassociá-las de um passado tão sombrio. Qualquer trabalho que busque realizar um resgate histórico sofre de um mal que o próprio pesquisador não consegue se desvencilhar, não viver a situação que estuda. Hoje é muito mais fácil pesquisar um fato histórico de duas, três décadas atrás, porém, quanto mais longe a caminhada em direção ao passado, mais escassas ficam as fontes de pesquisa e mais difícil fica se colocar próximo ao fato estudado, sendo impossível realizar uma fiel reflexão sobre o fato histórico sem essa proximidade, sem olhá-lo com a ótica de seu próprio período, de sua própria conjuntura. Conforme destaca Evans (2011), citado por Brandt (2011),

Quanto mais nos distanciamos da Alemanha nazista no tempo, mais difícil torna-se para historiadores que vivem em sistemas políticos democráticos e em culturas que respeitam os direitos do indivíduo dar o salto de imaginação necessário para entender o comportamento das pessoas em um estado como a Alemanha nazista, onde aprisionamentos, tortura ou mesmo a morte podiam estar à espera de qualquer um que ousasse dar voz a críticas ao regime e seus líderes. (EVANS *apud* BRANDT, 2014, p. 17)

Por conta disso, apesar de ser um período muito bem documentado, é difícil para muitos compreender realmente o que foi o Terceiro Reich (1933 – 1945). É necessário sempre

[...] dar um salto na imaginação, ou seja, voltar nesse tempo e tentar olhá-lo pelo prisma de quem o olhava, o vivenciava à época e que, no caso do nazismo, este salto, este exercício fica, com o passar do tempo, cada vez mais complicado, pois seus contornos ficam cada vez mais distantes das experiências da atualidade, o que torna difícil o seu entendimento. (BRANDT, 2014, p. 17)

Se por um lado já é difícil tentar olhar um fato histórico sob a ótica da situação, tão difícil ou mais é não contaminar a visão do acontecimento com sua própria visão

enquanto pesquisador, estudante e humano que somos. Pensar no passado é ir e voltar constantemente ao presente.

Se faz importante também não pensar nos acontecimentos históricos como eventos sequenciais, onde uma coisa simplesmente vem em decorrência de uma outra. A História deve ser encarada como uma teia de acontecimentos, onde um ponto não gera apenas mais um ponto, mas sim é gerado a partir de diversos pontos e este por sua vez gerará diversos outros, formando um emaranhado de acontecimentos interligados. Talvez essa seja outra dificuldade para se entender mais profundamente a magnitude de um período, por onde começar? Por onde continuar? Há realmente um começo?

Entendendo que o conhecimento do passado pode auxiliar na compreensão dos fatos, apresentamos, primeiramente, um breve resgate do passado, uma pequena contextualização histórica até chegarmos à Alemanha de 1933.

A jornada até o Terceiro Reich (1933 – 1945) começa, logicamente, com os Reich número um e dois, ambos representantes de períodos de grandes avanços para o povo germânico, seja em expansão territorial, seja da própria sociedade e tecnologia. O Primeiro Reich (962 – 1806), o mais longo dentre os três, inicia-se com a coroação de Otto I pelo Papa João II, formando-se assim o Sacro Império Romano-Germânico, onde foram anexados territórios hoje pertencentes a Alemanha, a Itália e alguns outros países. Um Império bem longo, sem sombra de dúvidas, mas que só conseguiu se consolidar a partir do declínio do próprio Império Romano no Século V da Era Comum, se legitimando como “uma reencarnação do Império Romano Ocidental” (ELIAS *apud* BRANDT, 2011, p. 19). Apesar de sua extensão temporal, o Primeiro Reich (962 – 1806) não é tão expressivo para entendermos o Terceiro Reich (1933 – 1945) quanto o governo de outro Otto, o Segundo Reich (1871 – 1918).

Otto von Bismark sobe ao posto de chanceler em 1871, assim como Hitler faria várias décadas depois. Conhecido como “Chanceler de Ferro”, Bismark vê-se frente a um povo, que apesar de carregar um mesmo passado e compartilhar dos mesmos sentimentos ufanistas, não se enxerga ainda como uma única nação, além de se mostrar extremamente atrasado tecnologicamente, se comparada as demais potências europeias. É durante o Segundo Reich (1871 – 1918) que o povo alemão se descobre quanto um só povo germânico, resgata sua cultura e se exalta por se reconhecer como tal, onde se solidificam as “ideias de pertença, de nacionalismo e de conquista de supremacia para a nação alemã e seu povo” (BRANDT, 2011, p. 20).

Além dessa mudança de mentalidade, é nesse período que a Alemanha se envolve “num rápido processo de recuperação do tempo perdido e na tentativa de ultrapassar as grandes potências europeias mais antigas” (ELIAS *apud* BRANDT, 2011, p. 20). Toda essa efervescência germana faz com que a Alemanha entre plenamente convicta de sua força na Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918). A derrota amarga cai como chumbo sobre o espírito do povo alemão. Segundo Elias citado por Brandt

Para muitos alemães, a derrota de 1918 foi uma experiência inesperada e altamente traumática. Atingiu um ponto sensível no habitus nacional e foi sentida como um regresso ao tempo da fraqueza alemã, dos exércitos estrangeiros no país, de uma vida na sombra de um passado mais grandioso. Estava em risco todo o processo de recuperação da Alemanha. Muitos membros das classes médias e superior alemãs – talvez a grande maioria – sentiram que não poderiam viver com tamanha humilhação. Concluíram que deviam preparar-se para a guerra seguinte, com melhores chances de uma vitória alemã, mesmo que, no começo, não estivesse claro como isso poderia ser feito. (ELIAS *apud* BRANDT, 2011, p. 21)

Como se não bastasse a derrota e suas perdas, os países vencedores impõem diversas sanções à Alemanha por meio do Tratado de Versalhes, a chamada “paz punitiva” (HOBBSBAWN *apud* BRANDT, 2011, p. 21). Conforme destaca Brandt (2011, p. 24), dentre as sanções, as principais foram a devolução de territórios importantíssimos à França e Polônia, a redução do exército para meros 100 mil homens, o fim da indústria bélica no país, assumir formalmente sua culpa por todos os danos da guerra causados aos outros países e o pagamento de uma indenização de “33 bilhões de dólares” (SHIRER *apud* BRANDT, 2011, p. 26) aos países lesados. Não por acaso essas sanções ficaram conhecidas como “A Vergonha de Versalhes” (HENIG *apud* BRANDT, 2011, p.26) e, possivelmente, serviram de combustível para a subida de Hitler ao poder e o engajamento da Alemanha em mais um conflito de proporções mundiais.

Mas antes de Hitler se tornar chanceler em 1933, é necessário ainda entender esse período pós-guerra na Alemanha. Desmoralizada e com uma dívida absurda imposta pelos países vencedores, a Alemanha sofre uma crise financeira enorme, sua capital é transferida de Berlim para Weimar e instaura-se uma república no país, conhecida posteriormente como República de Weimar (1919 - 1933). Com uma desvalorização imensa de sua moeda, o Reichsmark, o povo alemão passa duras

penas no pós-guerra, “uma crise sem precedentes na história da economia alemã que só se estabilizou a partir do ano de 1924” (HENIG *apud* BRANDT, 2011, p. 27), quando os Estados Unidos da América auxiliam financeiramente a Alemanha e esta consegue se estabilizar novamente. Shirer citado por Brandt (2011, p. 28) e Brandt (2011, p. 29) ilustram melhor a situação alemã antes da ajuda norte-americana,

[...] “em janeiro de 1923, o marco caiu a 18 mil por dólar; a 1º de julho, descera a 160 mil; a 1º de agosto, a um milhão. Em novembro [...] eram necessários quatro bilhões de marcos para comprar um dólar e a partir de então, as cifras se convertiam em trilhões. A moeda alemã perdeu totalmente seu valor. O poder aquisitivo dos salários e ordenados foi reduzido a zero. As economias das classes médias e operárias desapareceram”. (SHIRER *apud* BRANDT, 2011, p.28)

[...] “para se comprar uma fatia de pão na cidade de Berlim no ano de 1918, eram necessários apenas 0,63 marcos. No início de 1923, essa mesma fatia passou a custar 250 marcos, subindo para 3.465 em julho, para 1.512.000 em setembro e em novembro, para 201.000.000.000 de marcos” (BRANDT, 2011, p. 29)

Porém, em 1929, como por capricho do destino, os Estados Unidos caem com a quebra da bolsa de valores de New York e levam consigo a recém estabilizada Alemanha. Nova crise em solo alemão e uma nova oportunidade de Hitler tentar subir dentro do cenário político, chance que aproveitou bem, se tornando chanceler no ano de 1933, em meio a um grande apoio do povo germano. Grande parte desse fato ocorre devido a ânsia do povo “por uma esperança, por um “messias” que surgisse como uma luz divina e os salvasse da destruição final, restituindo-lhes tudo aquilo que haviam perdido, inclusive, a auto-estima” (BRANDT, 2011, p. 30).

Antes de avançar além de 1933 e rever alguns fatos importantes do Terceiro Reich (1933 – 1945), a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945) e demais acontecimentos, uma breve introdução sobre Adolf Hitler. Apesar de muito estudada, a trajetória de Hitler até o poder na Alemanha e seu governo são alvos de diversos mitos e teorias da conspiração, formando no imaginário popular a figura mítica de um líder supremo do mal, o “Mito Hitler”. Muito se especula em torno da sua história, como por exemplo o início de seu ódio antissemita, porém, Adolf Hitler não era mais do que um austríaco de nascimento e alemão de coração, um tanto franzino, com uma boa oratória e planos para dominar o mundo.

A jornada de Hitler começa na Áustria, país de língua germana e que faz fronteira com a Alemanha. Desde jovem mostrou um grande desinteresse pela escola e também um grande repúdio a maioria de seus professores, bem como a vontade de seu pai de seguir seus passos e se tornar também funcionário público. “Era para mim abominável o pensamento de, como um escravo, um dia sentar-me em um escritório, de não ser senhor do meu tempo mas, ao contrário, limitar-me a ter como finalidade na vida encher formulários!” (HITLER, 2001, p. 12). Adolf queria mais do que isso, seus planos eram de ingressar na Academia de Artes de Viena, ser um grande pintor, dedicar-se e deleitar-se com a Arte. Tendo seu pai contra seus sonhos, apenas depois de sua morte, Hitler rumou para Viena. Não foi aceito, não pela falta de talento artístico, mas por suas faculdades serem para a arquitetura e não pintura (HITLER, 2001, p. 21). Uma grande frustração para ele. Mesmo com o já referido desinteresse de Hitler pelo estudo formal, este se dedica muito a assuntos que lhe interessam, Artes, obviamente, mas também geografia, história e política, tornando-o um grande conhecedor desses assuntos, apesar de sua baixa escolaridade.

A arte de pensar pela história, que me tinha sido ensinada na escola, nunca mais me abandonou. A história universal tornou-se para mim, cada vez mais, uma fonte inesgotável de conhecimentos para agir no presente, isto é, para a política. Eu não quero aprender a história por si, mas, ao contrário, quero que ela me sirva de ensinamento para a vida. (HITLER, 2001, p. 17)

Hitler se utiliza então dos conhecimentos apanhados nos livros para formar sua visão de mundo, defendendo, por exemplo, a união de todos os países de língua germana sob uma única bandeira, a superioridade da raça ariana sobre as demais raças, etc.

Movido por seus próprios ideais, ao estourar a Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918), Hitler decide não se alistar nas tropas austríacas para se engajar nas linhas alemãs e lutar pelo que acreditava ser o verdadeiro país do povo germano. Hitler é condecorado com a Cruz de Ferro, uma das mais altas homenagens dentro do exército alemão. A guerra acaba, a Alemanha se vê derrotada e humilhada pelos países vencedores e Adolf passa a residir em sua pátria amada. Em solo alemão, Hitler passa por diversas dificuldades em meio à crise no país, entra em contato, assim como na Áustria, com propagandas antissemíticas, observa os ideais socialistas do

movimento proletariado e lê. Lê muito. Ao ponto de consolidar ainda mais seus próprios ideais e começar a influenciar e convencer terceiros.

Além do meu trabalho em construções, das raras visitas à Ópera, - feitas com o sacrifício do meu estômago - tinha como único prazer a leitura. Li muito e profundamente. No tempo livre, depois do trabalho, subia imediatamente ao meu quarto de estudo. Em poucos anos, lancei os alicerces de conhecimentos de que ainda hoje me utilizo. Mais importante do que isso tudo: naqueles tempos adquiri uma noção do mundo que serviu de fundamento granítico para o meu modo de agir de então. A essa noção precisei acrescentar pouca coisa, mudar nada. Ao contrário. (HITLER, 2001, p. 23)

Sua participação política começa com os operários e passa aos partidos, filiando-se ao Partido Nacional Socialista. Essa atuação política faz com que algum tempo mais tarde Hitler seja preso por desordem. Os nove meses na prisão geram um filho importantíssimo: o livro “Mein Kampf”, em português “Minha Luta”, onde sedimenta toda sua visão de mundo, tendo como suporte os mais diversos autores, dentre eles Charles Darwin e Friedrich Nietzsche, expondo toda sua concepção acerca da sociedade, política, raça, seu mundo ideal e seus planos para transformar tudo isso em realidade, está escrito o “evangelho do NSDAP” (BRANDT, 2011, p.35). É claro que Darwin e Nietzsche, assim como outros autores, não defendiam uma visão racista de mundo, porém Hitler se utilizou de suas ideias de forma descontextualizada para sedimentar seu próprio pensamento e justificar seus atos.

Por sua grande participação na política, Hitler chega ao posto de chanceler, ovacionado por boa parte da sociedade alemã, no ano de 1933. O novo posto não vem por acaso. Devido às suas grandiosas ideias, sua oratória e promessas de uma Alemanha forte novamente, inflama outra vez o espírito germânico no povo alemão, fazendo com que seja apoiado como governante. Como destaca Brandt,

Hitler falava ao povo o que esse povo queria ouvir e assim foi aos poucos desenvolvendo a sua política de convencimento e de conquista. Daí a chegar ao posto de chanceler e, posteriormente, a presidente com amplos poderes, foi apenas um passo. (BRANDT, 2011, p. 41)

Adolf Hitler se autodenomina então, *Führer*, algo próximo à líder supremo, concentrando em si os poderes de chanceler e presidente, o “líder absoluto de toda a nação e detentor de uma posição que lhe outorgava plenos poderes de decisão e de

comando” (BRANDT, 2011, p. 44). Como ressalta Shirer citado por Brandt, o Führer passa a exigir até mesmo um juramento por parte de todos os seus oficiais à sua pessoa

Faço perante Deus este sagrado juramento de que renderei incondicional obediência a Adolf Hitler, o Führer do povo e do Reich alemão, supremo comandante das forças armadas, e de que estarei pronto como um corajoso soldado a arriscar minha vida a qualquer momento por este juramento. (SHIRER *apud* BRANDT, 2011, p. 44).

A partir de então, a Alemanha passa novamente por um processo de desenvolvimento, se estabilizando economicamente, voltando sua atenção para as fábricas e reconstruindo seu exército, rompendo assim com o Tratado de Versalles, que restringia a indústria bélica e o contingente de soldados em solo alemão. Porém, apesar de todos esses avanços da sociedade alemã, concomitantemente, foram empregadas campanhas, discretas ou não, antissemitas, higienistas, eugenistas e contra as minorias que “não pertenciam” ao povo alemão, tais como: os ciganos, negros, homossexuais e não-simpatizantes do Nazismo. Nesse processo, segundo Brandt,

Inúmeras leis eram outorgadas e com elas os indivíduos perdiam mais e mais as suas liberdades e os seus direitos de cidadãos, principalmente, aqueles que, de acordo com as teorias nazistas, não deveriam fazer parte desta nova civilização, pois, naturalmente, não se encontravam dentre os predestinados. (BRANDT, 2011, p. 45)

Já em relação as campanhas de limpeza racial,

O argumento a favor da eliminação dos doentes e fracos, em termos físicos e mentais, adquiriu uma legitimidade crescente, à medida que a Alemanha outra vez se encaminhava para a guerra. Um pedido dos pais de uma criança deformada para que sua morte fosse provocada, no inverno de 1939, desencadeou a execução de um programa secreto de eutanásia, com o codinome de "Aktion T-4". (...) Cerca de 200.000 pessoas com deficiências físicas e doenças mentais podem ter sido mortas de uma maneira sistemática, sob os auspícios desse programa, até o final da guerra. (STACKELBERG *apud* FERREIRA M., 2002, p. 107)

As políticas de eliminação de indivíduos incapazes não foram as únicas justificadas com argumentos “plausíveis”, a eliminação de indivíduos tidos como inferiores à raça ariana também. “Para justificar a teoria preconizada sobre o perigo judeu, os nazistas utilizaram e difundiram como verdadeira a ideia da existência de uma conspiração judaica para o domínio do mundo exposta nos “Protocolos dos Sábios de Sião” (BRANDT, 2011, p. 62), “uma obra forjada durante a Rússia do Czar Nicolau II” (COUTO *apud* BRANDT, 2011, p. 62), “justificando” assim o “extermínio de cerca de seis milhões de judeus e demais minorias” (BRANDT, 2011, p. 7).

Sobre Hitler, é importante ainda, se aprofundar um pouco mais em suas influências e seus sonhos para Alemanha. Suas concepções de mundo, bem como os planos para seu governo à nível nacional e mundial, foram expressos em seu livro, que expunha a todos suas ideias. Além dos já citados autores que Hitler fez uso para embasar seu discurso, outras figuras históricas e também, impérios ajudaram a dar forma ao seu pensar. Segundo os autores estudados, as principais fontes de inspiração para o *Führer*, foram Atenas, Esparta e o Império Romano. Essa tríade representava para Hitler, tudo o que esperava construir em seu *Reich*: Atenas com suas concepções de arte e cuidado com o corpo, Roma com sua arquitetura grandiosa, sua República e grandes conquistas de guerra, e por último, mas não menos importante, Esparta. A cidade-Estado de Esparta contribuiu imensamente para espelhar a Alemanha do Terceiro Reich (1933 – 1945), seu estilo de vida guerreiro, formando os cidadãos a serviço do Estado, e foi o que Hitler buscou construir durante seu governo por meio de diversos métodos. Dentre eles, os mais importantes foram: as políticas eugenistas, como forma de constituir um povo sem nenhuma deficiência física ou mental, o alto incentivo ao esporte, como forma de ocupar o tempo dos jovens e moldar corpos fortes, e o trabalho de captação do público jovem, moldando as mentes desde cedo para acatar ordens, agir e se sacrificar pelo povo alemão, servir ao *Reich* acima de tudo. Com a síntese dessa tríade, Hitler pretendia criar “uma nação que jamais pereceria” (BRANDT, 2011, p. 76).

3. SOBRE UMA JUVENTUDE

Quase sempre ao se pensar no Nazismo lembra-se da figura do soldado, da SS portando suásticas nos braços, campos de concentração e todo o sofrimento e maldade que permearam a Alemanha em meados do século XX. Mas, e as crianças? E os meninos e meninas que brincavam nas ruas? Adolescentes enamorados? De certo não deixaram de existir enquanto a nação abraçava as ideias de Adolf Hitler, por onde andaram então?

3.1 SOBRE GAROTOS E GAROTAS

Poucas sociedades modernas educaram tão bem os jovens para um propósito quanto o Terceiro Reich (1933 – 1945). Nota-se que “educar tão bem” não significa necessariamente a educação para o bem, nesse caso, possui o significado de eficiência, afinal, nenhum regime foi mais eficiente em educar/doutrinar uma juventude quanto a máquina nazista de Adolf Hitler.

Quem são os que descarregam os golpes, os que disparam balas contra a nuca, os que ascendem os fornos, os que cravam farpas no coração, os que “enforcam”, os que abrem o gás, os que disparam jactos de água gelada, os que negociam cinzas humanas, os que assassinam bebês e crianças, os médicos-experimentadores para quem a vivisseção tem cobaias humanas, etc.? Quem são aqueles que, alguns anos antes, foram recém-nascidos inocentes e frágeis como todos os recém-nascidos, e depois bebês sorridentes e palradores como todos os bebês do mundo, e depois meninos de escola em alegres disputas como todos os meninos de escola do mundo, e depois adolescentes cujo coração deve ter batido com o primeiro “amo-te” como todos os adolescentes do mundo? Que turbilhão, que cataclismo fez destes ex-recém-nascidos, ex-bebês, ex-meninos de escola e ex-adolescentes monstros disparadores de balas e cravadores de farpas? (HANNOUN, 1997, P. 10).

Apesar de existir uma parcela rancorosa de adultos que se sentiam humilhados pelo desfecho e pelas consequências da Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918), foi nos jovens que Hitler encontrou a força motriz para seus feitos como governante, não porque guardassem maiores ressentimentos de seus adversários, mas por serem páginas quase em branco, páginas esperando para serem escritas e formatadas.

Desde o *Mein Kampf*, Hitler já voltava seus olhos para a juventude.

Antes de tudo é preciso pôr no mesmo plano a educação intelectual propriamente dita e a educação física! O que hoje se conhece como Ginásio é um arremedo do modelo grego. Com os nossos processos educacionais, têm-se a impressão de que todos esqueceram de que um espírito sadio só pode existir em um corpo são (HITLER, 2001, p.188).

“O conjunto da educação deveria ser organizado de maneira que todo o tempo disponível da mocidade fosse empregado na sua cultura física” (HITLER, 2001, p.189).

Devido a existência de grupos juvenis à época da subida de Hitler ao poder, as implementações educacionais por ele pensadas foram fáceis de serem postas em ação. Sobre os grupos é importante observar que, a princípio, haviam diversos, e que ao passar do tempo, o Partido Nazista unificou todos sob a tutela de suas tropas, dando corpo e forma a Juventude Hitlerista.

No fim do ano de 1932, a *Hitler-Jugend* (HJ) tinha 108 mil membros; era pouco, comparado aos quatro milhões de jovens que se repartiam nas múltiplas associações de caráter político, religioso esportivo ou de lazer. Um ano mais tarde, ela contava com 2.300.000 membros, depois 3.500.000 em 1934 e 5.400.000 no fim do ano de 1936. (ROVAN *apud* MICHAUD, 1996, p. 297)

É importante ressaltar que as propostas educacionais na Alemanha nazista não estavam ligadas necessariamente às escolas, a educação informal foi tão ou mais importante para a formação do indivíduo nazi que a formal durante o governo de Hitler, dando-se na forma de grupos de jovens, propaganda e no seio familiar, envolvendo a juventude alemã por todos os lados. Não que as escolas não fossem ligadas ao nazismo, ao contrário, elas eram incumbidas sim de propagar a ideologia nazista, porém não eram o carro-chefe do estado.

O nazismo se apoderou dos grupos juvenis e os modelou pouco a pouco, tornando a Juventude Hitlerista obrigatória a todos os meninos e meninas a partir dos 10 anos de idade (MICHAUD, 1996, p. 299). Baseado em um sistema espartano de educação, a Juventude Hitlerista tinha como objetivo formar, desde cedo, os jovens para servirem ao Estado no sentido mais amplo da palavra, para dar sua vida ao *Reich* e seu *Führer*. Nada era mais importante.

Desde cedo, bem antes de terem a oportunidade de ir para o *front* de fato, os jovens aprendiam sobre as teorias racistas que “regiam o mundo”, a importância do Estado e seu *Führer*. Koch (1973) destaca que

A educação nacional-socialista adquiriu uma tendência extremada inerente na historiografia alemã desde o século XIX – a concentração no “indivíduo histórico-mundial”. A História praticamente podia ser ministrada em termos de biografias políticas e militares. A História recente, ensinada a partir da primeira série na escola primária, era exclusivamente a história do NSDAP, com forte mistura de culto de herói e mitologia nacionais-socialistas. As diretrizes para o ensino de História na sexta série ginasial estipulavam que o período entre 1918 e 1932 devia ser tratado como a tentativa da Alemanha por em prática as ideias europeias ocidentais da Revolução Francesa de 1789. O catolicismo político deveria ser tratado como um aliado do marxismo e do capitalismo internacional. A expansão da dominância do mundo judeu na Alemanha devia ser demonstrada, e a democracia parlamentar devia ser interpretada como uma etapa inevitável no processo da tomada do poder pelos bolchevistas. Finalmente, janeiro de 1933 trouxera consigo a libertação da Alemanha pelas mãos de Adolf Hitler. (KOCH, 1973, p. 98)

Complementando esta visão em torno da educação nacional-socialista, Brandt (2011) destaca em seu estudo que, seguindo

[...] os pressupostos educacionais nacional-socialistas, todas as disciplinas deveriam se adequar e contribuir para a disseminação da política racial. Porém, era nas aulas de Ciências Naturais, em especial nas de Biologia, que os educadores do NSDAP encontravam as maiores e melhores condições para transmitir todo o conteúdo doutrinário e ideológico em torno da raça e dos fatores étnicos, demonstrando na prática a sua grande importância para a “futura projeção do Reich” (BRANDT, 2011, p. 159).

Nenhum adolescente e nenhuma jovem deverão deixar a escola sem previamente ter tido conhecimento dos mais modernos princípios relacionados com a imprescindibilidade e o exato valor da pureza do sangue. É através da observância destes postulados que alcançaremos as premissas das bases raciais na nossa nacionalidade, e será também por seu intermédio que nos asseguraremos da preparação para um posterior desdobramento cultural. (BLEUEL, 1972, p. 156)

Como é possível observar nas assertivas acima, o processo de incutir na juventude a mentalidade nazista foi intenso.

Para Hitler citado por Michaud,

“O Estado racista terá atingido seu fim supremo de instrutor e de educador quando houver gravado no coração e no cérebro da juventude a ele confiada o espírito e o sentimento da raça. É preciso que nenhum rapaz ou moça venham a deixar a escola sem ter sido levados ao perfeito conhecimento do que são a pureza do sangue e da sua necessidade. Assim, terão sido estabelecidas as condições da conservação dos fundamentos raciais de nosso povo e com isso estará assegurado o desenvolvimento posterior da cultura” (MICHAUD *apud* HITLER, 1996, p. 292)

Além da propagação da ideologia nazi, a escola e a Juventude Hitlerista ainda ensinava aos seus integrantes a cuidar de seu próprio corpo, estimulava a prática de esportes e os treinava para estarem prontos para ingressar na guerra. O treinamento para defender sua pátria e expandir o nazismo por toda a Terra não englobava apenas os meninos, mas também as meninas. Enquanto os primeiros aprendiam a manejar armas, pilotar tanques de guerra e aviões, as jovens eram capacitadas para fazer curativos e tratar dos feridos. Além dessa capacitação feminina para o auxílio em tempos de guerra, a maior preocupação era de formar boas mães para o Estado, como explicita Hitler, “O fim da educação feminina deve ser, irrevogavelmente, a futura mãe” (MICHAUD *apud* HITLER, 1996, p. 302).

Apesar de não se passar na Juventude Hitlerista, um filme que ilustra muito bem parte da educação nazista é “Napola – *Elite für den Führer*” (“Napola – Antes da Queda”, em português) de Dennis Gansel, onde a trama se passa em uma escola nazi. Napola, sigla alemã para Institutos Político-Nacionais de Educação, retrata de forma simples e realista o ingresso dos jovens em um dos ambientes de doutrinação nazista, por meio do relato da jornada de Friedrich Weimer, um garoto de aptidões atléticas. A trama inicia-se com o protagonista treinando boxe em sua cidade, sem nenhuma ligação aparente com o nazismo. A partir de um combate amistoso com um boxeador de uma escola do Partido Nazista, surge a oportunidade de Friedrich ingressar em uma dessas escolas, fato repudiado por seu pai. Contrariado dentro de casa, Friedrich decide-se por falsificar a assinatura do pai e fugir para a escola, sendo admitido, passa a viver em regime de internato.

No filme, é possível observar diversos aspectos do nazismo, como, por exemplo: a rigidez das normas e do modo de comportar-se, a exaltação do governo vigente, as atividades voltadas para a guerra e a educação física dos jovens. A trama

ainda se mostra interessante ao acompanhar as mudanças de comportamento das personagens da história, como por exemplo Friedrich, que em seu primeiro combate no filme, hesita em finalizar seu adversário, pois este se encontra atordoado nas cordas, ao passo que, após sua vivência na escola, não encontra dificuldades em nocautear um adversário nas mesmas condições em sua segunda luta. O filme ainda apresenta dois aspectos importantes relativos a esse período nas escolas nazistas: a valorização do corpo e das aptidões físicas em detrimento do intelecto, demonstrados através do boxeador Friedrich e de seu amigo Albrecht Stein, um garoto com fortes inclinações à escrita e à poesia; e o senso de justiça, também expresso por Albrecht, ao se opor às ideias e ações nazistas.

O trabalho de doutrinação nazista, apesar de não atingir a totalidade dos jovens, encantava a muitos. Os motivos eram diversos, mas, o principal relaciona-se ao fato de dar aos jovens poder.

Criada oficialmente em 1926, a Juventude Hitlerista oferecia a seus integrantes agitação, aventura e novos heróis para venerar. Deu a esses jovens esperança, poder e a oportunidade de fazer suas vozes serem ouvidas. [...] deu também a oportunidade de se rebelarem contra os pais, professores, padres e outros superiores. [...] Adolf Hitler admirava a energia natural e a capacidade de envolvimento dos jovens. Entendeu que eles poderiam ser uma poderosa força política que ajudaria a moldar o futuro da Alemanha. Em sua luta pelo poder, Hitler aproveitou o entusiasmo e a lealdade deles. [...] Hitler contava com os meninos e meninas da Alemanha. (BARTOLETTI *apud* BRANDT, 2011, p. 85)

Institutos como os representados no filme *Napola* formavam os jovens para ingressar nas fileiras de elite do *Führer*, “Três quartos dos alunos que concluíam os cursos das Napolas apresentavam-se como aspirantes a oficiais das forças armadas (Bleuel, 1972). Importante destacar que, fazendo parte da Juventude Hitlerista e estando fardado, o jovem só respondia ao exército e à polícia, e as meninas, que engravidavam de arianos mesmo sem estarem casadas, deviam ser respeitadas e tratadas como senhoras, afinal seus filhos seriam todos filhos do *Führer*, conforme apontado por Michaud (1996), afinal “Cada filho que (a mulher) põe no mundo é uma batalha que ela trava pela sobrevivência de seu povo” (Der kongress zu Nürnberg *apud* Michaud, 1996), foram os chamados “casamentos biológicos”, “recomendando as relações sexuais fora dos laços do casamento entre rapazes e moças unidos pelo mesmo ideal de conservação da raça (MICHAUD, 1996, p. 303). Essas e outras

medidas, colocavam a juventude em destaque, valorizando uma faixa etária carente de atenção e que sempre se mostrou ansiosa por ser tratada como adulta. O nazismo acertou em cheio ao tratar os jovens como adultos, cativando os “soldados do amanhã” como ninguém.

Ser “jovem” significava antes de tudo a vinculação a uma *idéia* nova – *Weltanschauung* nacional-socialista – que procurava encarnar-se na luta: “Aquele que marcha nas fileiras da *Hitler-Jugend* não é um número entre milhões de outros, mas o *soldado de uma idéia*” (MICHAUD, 1996, p. 291)

A juventude foi de extrema importância ao governo de Hitler, sendo a força motriz da expansão territorial, do combate aos aliados e da manutenção da ordem em território alemão. O trecho de Bleuel exemplifica bem os frutos da intervenção pedagógica nazista em seus jovens:

Até mesmo o medo da morte conseguiu Hitler eliminar da mente de sua heroica juventude. No início de 1944 encaminhava Heissmeyer um caloroso relatório a seu Reichsführer Himmler, no qual louvava o heroísmo dos combatentes que haviam cursado a Napola: 1226 já haviam então tombado ou simplesmente desaparecido. Eles marchavam tão crentes e tão livres de receios contra a morte como o seu idolatrado Führer jamais poderia desejar melhor.

O teor do testamento deixado por um desses jovens varões ceifado pela guerra mostra-nos mais uma vez o sucesso desta mistificação pedagógica: “Se o destino quiser que eu não retorne desta guerra, registro aqui meu desejo:

1 – que este acontecimento não venha a ser encarado de forma diferente daquilo que realmente é: um necessário e de minha parte prazeroso sacrifício oferecido em prol da vitória alemã como corolário de minha vida de soldado;

2 – que minha amada esposa e meus honrados pais se esforcem no sentido de compreenderem que também eles participaram desta satisfação de fazerem este sacrifício no eterno altar da pátria;

3 – que no meu anúncio fúnebre não conste qualquer palavra ou alusão sagrada a Deus, dor, profunda tristeza ou expressão semelhante. À guisa de epitáfio desejo que seja usada a seguinte inscrição: “Pela vitória da Alemanha estamos prontos a dar tudo. Com ativa tristeza...”;

4 – que, caso eu não venha a ter um filho varão, caberá a meu irmão G., já instruído neste sentido, perpetuar sozinho o nosso nome na posteridade;

5 – que minha mulher não permaneça viúva e que, como mulher saudável que é, não esqueça de cumprir o seu principal dever, assumido diante da Pátria, para a perpetuação do nosso Reich;

6 – que, no caso de ser eu contemplado com o nascimento de um filho varão, este se torne digno portador do meu nome, crescendo para tornar-se um homem sadio, asseado, rijo e valente e que seja educado numa inabalável fé na nossa Alemanha; e

7 – que, se vir a nascer-me uma filha, ela seja criada e educada para tornar-se uma saudável mulher alemã, para que assim se conscientize e saiba cumprir seu dever para com a nossa Alemanha... (BLEUEL, 1972, p. 166)

3.2 SOBRE UM CORPO E UMA EDUCAÇÃO

As concepções de Adolf Hitler sobre o corpo se contrapõem tanto a corrente racionalista que a Europa vinha apresentando desde o Século XVIII, quanto a nossa própria sociedade atual, onde o corpo fica em segundo plano e a mente é o real valor do homem.

Para o líder nazista a educação oficial até então, cuidava apenas de sobrecarregar os cérebros infantis com assuntos que certamente, seriam em sua grande maioria esquecidos e que o tempo despendido com o aprendizado científico e intelectual seria mais bem aproveitado se fosse dedicado a atividades – como a educação física – que exerceriam um papel fundamental no enrijecimento corporal da juventude. (BRANDT, 2011, p. 166)

“Para Hitler, a fraqueza física é a principal razão para a covardia do indivíduo, e conseqüentemente para a fraqueza da Nação” (FERREIRA S., 2007, p. 5).

Ao se espelhar na Grécia Antiga, Hitler encontrou em Atenas e Esparta os moldes com os quais pretendia criar a nova Alemanha, sobretudo na segunda cidade-Estado, pois

O Exército espartano, por sua organização, força e bravura, era tido como invencível. A precisão de seus movimentos provocava a admiração dos demais gregos. Sua tática ofensiva resumia-se na carga, e sua força decorria, sobretudo, das virtudes espartanas de obediência, honra e espírito de sacrifício, fruto, por sua vez, da organização social e política baseada na legislação de Licurgo. O sistema de vida que ele impôs aos espartanos fez destes os

verdadeiros modelos de heroísmo da humanidade. (RUAS SANTOS *apud* FERREIRA M., 2002, p. 71)

Aumentou-se então o número de aulas de educação física de duas vezes por semana para cinco, instituiu a obrigatoriedade da Juventude Hitlerista para os jovens, incentivou a prática de esportes em todo território nacional e foi o primeiro a subsidiar financeiramente as Olimpíadas. Tudo isso para formar corpos fortes e saudáveis para servir ao Estado. Ressalta-se novamente que essas medidas não abrangeram apenas os meninos, mas também as meninas, pois estas, tais quais as mulheres espartanas, precisavam ser saudáveis para dar à luz filhos fortes ao *Führer*.

Ao mesmo tempo em que houve uma valorização exacerbada do corpo no Terceiro Reich (1933 – 1945), o intelecto foi deixado de lado, tanto pela aversão de Hitler à escola, quanto pelo não incentivo à formação de indivíduos críticos.

Uma das características essenciais da formação nazi, no plano dos seus conteúdos, reside no seu antiintelectualismo: o apelo à reflexão, à inteligência, ao raciocínio é marcado por uma suspeita que remete toda e qualquer atividade mental para o fundo da escala de urgência das aquisições desejadas. O nazismo hierarquiza estes graus de urgência: coloca em primeiro lugar a formação do corpo, em segundo a formação do caráter e em último a formação da inteligência. (HANNOUN, 1997, p. 31, 32)

Como pode-se observar ainda nas palavras de Hitler, a educação deve ser diferente de acordo com o indivíduo, pois

“A educação geral é o veneno mais desintegrador e dissolvente já descoberto pelo liberalismo para a sua própria destruição. Só existe um tipo de educação para cada nível social e, mesmo dentro deste, uma única possibilidade para cada estágio. A plena liberdade educacional é um privilégio da elite e de mais uns poucos a que ela proporciona tal acesso. Todo o complexo científico deve permanecer sob constante seleção e controle. O saber é um recurso auxiliar de vida, mas não a sua própria razão de ser. E assim nos tornaremos mais consequentes, proporcionando à ampla massa dos níveis inferiores uma oportunidade de participar dos benefícios do analfabetismo”. (BLEUEL, 1972)

Sendo assim, na maioria dos casos, o conhecimento passado através das instituições era de caráter tecnicista, fosse para armar uma bomba, dirigir um tanque, fazer curativos ou trabalhar nas fábricas. A ciência e a pesquisa ficaram restritas aos

integrantes de alta patente dentro do Partido Nacional Socialista, onde não se corria tanto o risco de fomentar-se um movimento contrário as ideias e ações realizadas pelo Estado nazista.

Aos moldes de Esparta, o Terceiro Reich (1933 – 1945) encaminhava as crianças desde cedo aos cuidados do corpo, tanto no sentido da saúde quanto no treinamento esportivo e gímico. Com o pensamento no futuro, Hitler almejou construir um povo sobretudo forte, obediente e que tivesse o senso de pertencer a comunidade germânica, pois assim garantiria a supremacia de suas tropas na guerra e o nascimento de gerações saudáveis. Um dos mais claros e simples exemplos deste trabalho de base, tanto físico como psicológico, foi a marcha, pois

A marcha mata o pensamento. A marcha mata a individualidade. A marcha é o rito mágico insubstituível, cujo mecanismo moldará a comunidade popular até no subconsciente. [...] O passo cadenciado faz entrar nos corpos, por assim dizer, o sentimento da comunidade. (RAUSCHNING *apud* MICHAUD, 1996, p. 300)

O esporte também veio bem a calhar para a Alemanha nesse período, aliando-se aos planos de Hitler para higienizar e fortificar sua nação. Com um maciço incentivo ao esporte, em apenas três anos o governo de Hitler transformou o país em uma potência no esporte obtendo grandes conquistas nas Olimpíadas de 1936, em Berlim.

4. SOBRE UM ESPETÁCULO

A grandiosidade estava presente por toda a Alemanha nazista, das mães aos soldados, das marchas aos estádios. Se há algo que Adolf Hitler buscou durante seu governo foi fazer de tudo um grande espetáculo, de modo que cada cidadão se sentisse pertencente à algo grandioso. Grandes marchas com seus soldados milimetricamente alinhados, grandes bandeiras vermelho-sangue tremulando, grandiosas construções e grandes espíritos ansiosos por fazer a Alemanha grande novamente. Os Jogos Olímpicos de 1936 vieram a calhar com essa mania de grandeza, nada melhor para mostrar a grandiosidade da Alemanha do que o maior evento esportivo do mundo. Para os planos saírem do papel bastou uma mulher geniosa, muitas câmeras e carta branca para filmar suas ideias.

4.1 SOBRE UMA MULHER E UM CINEMA

Helene Amalia Bertha Riefenstahl, mais conhecida apenas como Leni Riefenstahl, foi bailarina, atriz, cinegrafista, diretora cinematográfica e, enfim, fotógrafa. Iniciou sua carreira no mundo da dança, conhecendo o cinema após interrompê-la por uma lesão no joelho. O primeiro tema com a qual se depara é o montanhismo, do filme *Montanha do Destino* de Arnold Fanck. De bailarina à atriz, Leni participa da filmagem de vários outros filmes de Fanck. Em 1932 apresenta à UFA (Estatal Alemã de Cinema) o filme *A Luz Azul*, o qual foi produzido por ela desde a escrita até a atuação, o tema é novamente o montanhismo. Com *A Luz Azul*, Leni faz sucesso na Alemanha e chama a atenção de Hitler (FRIGERI, 2013, p. 597).

Para Bach (2008) é impossível saber o que Hitler viu em *A Luz Azul* para se convencer de que Riefenstahl seria a cineasta ideal para as coberturas dos congressos que viriam, mas os efeitos fotográficos produzidos por ela e a mitificação romântica do filme podem ter sido suficientes, ele já havia proclamado “as massas precisam de um ídolo” e naquele momento ele precisava se converter em um. (BACH *apud* FRIGERI, 2013, p. 597)

Interessante ressaltar que, apesar de não haver uma ligação entre os filmes sobre montanhismo de Fanck e Riefenstahl e o nazismo, estes nos mostram

[...] uma antologia de sentimentos protonazistas. O alpinismo nos filmes de Fanck era uma metáfora visualmente irresistível para uma aspiração ilimitada em direção à elevada meta mística, tão bela quanto aterradora, que mais tarde se concretizou na adoração ao Führer. A personagem que Riefenstahl sempre fazia era a de uma garota impetuosa que ousava escalar o pico que a outros, os “porcos do vale”, atemorizara. (SONTAG *apud* FRIGERI, 2013, p. 598)

Patrocinada pelo Partido Nacional Socialista, Leni realizou quatro filmes: Vitória da Fé (1933), O Triunfo da Vontade (1935), Dia da Liberdade. Nosso Exército (1935) e Olympia (1936), sendo o segundo e o último os mais emblemáticos.

Ainda quando Vitória da Fé estava sendo editado, Hitler percebeu a diferenciação que Riefenstahl traria para a propaganda nazista, com uma sensibilidade maior e, conseqüentemente, com maior poder de persuasão entre as massas, por isso, ainda em outubro de 1933, o Führer determinou que ela repetiria as tomadas no ano seguinte. Hitler garantiu a cineasta uma equipe maior, com recursos ilimitados e liberdade para planejar a captura das imagens. Então Leni Riefenstahl muda-se para Nuremberg em maio de 1934, junto com o arquiteto Albert Speer, para conceber e organizar o congresso que aconteceria de 05 a 10 de setembro daquele ano (BACH *apud* FRIGERI, 2013, p. 599).

Com suas propostas grandiosas para a Alemanha, Hitler não agiu de forma diferente com o cinema, quis transformar tudo em um grande espetáculo, o filme O Triunfo da Vontade seria então uma “espetacular reunião de massa, mas também [...] um espetacular filme de propaganda” (KRACAUER *apud* FRIGERI, 2013, p. 599), objetivando “ressuscitar o êxtase do povo através dele” (KRACAUER *apud* FRIGERI, 2013, p. 599). O apoio financeiro para o filme, como propõe Bach *apud* Frigeri (2008), é outro fator que sustenta a importância que este teria para o Partido, recebendo subsídios muito superiores aos demais longa-metragens da época.

Devido a todo esse suporte

[...] o Triunfo da Vontade alcançou mais pessoas que o próprio congresso repetido à exaustão poderia alcançar, após 28 de março de 1935 foi apresentado nos cinemas de 70 cidades da Alemanha, sempre precedido por uma grande cerimônia. A distribuidora de filmes do partido alemão nacional socialista o usou para a educação política e também a exibiu nas escolas, assistir ao filme era obrigatório a todos os alunos. O Triunfo da Vontade (1935) foi proibido de exibição pública no final da guerra e até hoje não pode ser exibido na Alemanha, com exceção para os museus que tratam do tema. (DOKUMENTATIONSZENTRUM REICHSPARTEITAGSGELÄNDE *apud* FRIGERI, 2013, p. 600)

Em 1936 ocorrem as Olimpíadas de Berlim e Leni recebe a tarefa de documentar e produzir um longa-metragem sobre os jogos, lançando o filme em 1938, alguns meses antes do início da Segunda Guerra Mundial (1939). Sobre os Jogos de Hitler discutiremos mais no próximo capítulo.

No pós-guerra, Leni é presa e julgada, sendo que,

Inocentada pela corte, foi condenada pela opinião pública e abandonada pelos antigos colegas de trabalho, incluindo Fanck, que a rejeitou depois de seus julgamentos. Ao retornar para Munique, após o último julgamento, Riefenstahl tentou iniciar novos projetos no cinema e na fotografia, mas seu nome tornou impossível a busca pelo patrocínio na Alemanha. (FRIGERI, 2013, p. 605)

Sendo assim, buscou outros projetos mundo afora, dentre eles fotografias de tribos africanas e um incessante trabalho cinematográfico sobre a vida marinha. Riefenstahl faleceu no dia 8 de setembro de 2003, aos 101 anos de idade.

4.2 SOBRE CERTOS JOGOS

O governo alemão do Terceiro Reich (1933 - 1945) não mediu esforços para impressionar o próprio povo com demonstrações de força, bravura e grandiosidade da raça ariana. Chegando as Olimpíadas de 1936 em Berlim, era hora de mostrar ao mundo a supremacia alemã. Ainda durante a República de Weimar (1919 – 1933), governo antecessor ao Terceiro Reich (1933 – 1945), no ano de 1931, o Comitê Olímpico Internacional nomeou Berlim como cidade-sede dos XI Jogos Olímpicos da era moderna. Após a subida de Hitler ao poder e suas propostas racistas e antissemitas em solo alemão começarem a ser colocadas em prática, muitos países o pressionaram, preocupados com o andamento dos jogos e, em resposta, o *Führer* assume o compromisso de que “não interferiria com os Jogos Olímpicos ou tomaria qualquer ação contra competidores afro-americanos e judeus nos outros times” (KRUGER *apud* FERREIRA S., 2007, p. 2).

O objetivo de Hitler com os Jogos não era perseguir grupos específicos, mas utilizar o espetáculo das Olimpíadas como uma janela para mostrar aos demais países as maravilhas da Alemanha Nazista. Para isso o governo alemão desembolsou cerca de 30 milhões de Reichsmark (FERREIRA M., 2002, p. 113), que foram gastos com a

vila olímpica, digna de acomodar os quase 4 mil atletas participantes (um ambiente paradisíaco, quem sabe uma pequena amostra do Olimpo), com a construção dos espaços esportivos para as provas, como por exemplo o Estádio Olímpico de Berlim, que ultrapassou 30 vezes o custo inicial proposto (FERREIRA S., 2007, p. 3), e com o projeto de trazer a tocha olímpica diretamente da Grécia para Berlim, sendo o primeiro país a realizar essa cerimônia (FERREIRA M, 2002, p. 116), além das filmagens e outras “necessidades” para maravilhar o povo alemão e o mundo.

Apesar de atualmente ser comum o subsídio financeiro por parte do país sede dos Jogos, foi Hitler o primeiro chefe de Estado a proporcionar esse auxílio econômico para a realização das Olimpíadas. Além do subsídio, a Alemanha também iniciou e intensificou outras campanhas, como por exemplo a “introdução da educação física diária na escola; do fechamento dos clubes e federações dos trabalhadores (cerca de 20% dos atletas amadores alemães); da exclusão dos judeus dos clubes esportivos e da proibição dos clubes sob orientação religiosa” (FERREIRA S., 2007, p. 2), “nazificando” o esporte em seu território. Não apenas na Alemanha o cenário esportivo ganhou tanta atenção,

[...] em todo o mundo o esporte moderno começava a obter grande aceitação como forma de fornecer prazer e saúde para a população, assim como em alguns casos passou a ser utilizado na construção de uma identidade nacional utilizada por alguns modelos de governo, notadamente como o ocorrido na Itália de Mussolini em 1934 na ocasião da Copa do Mundo” (FERREIRA S., 2007, p. 2).

Apesar dos gastos gigantescos, tendo em vista o desenvolvimento esportivo nas demais nações,

A direção do partido compreendia perfeitamente o lucro obtido através da utilização da popularidade do esporte em âmbito nacional e internacional. Os olhos do mundo estariam centrados na nova Alemanha nazista. O valor fornecido para a construção do aparato utilizado nas competições foi diversas vezes mais alto do proposto inicialmente, já que os Jogos serviriam também para demonstrar a grandiosidade da Alemanha do novo sistema, e segundo Hitler, se você terá o mundo inteiro como seus hóspedes você deve apresentar-se da melhor forma possível para impressionar a opinião pública. (FERREIRA S., 2007, p. 3)

Para impressionar ainda mais os olhos que se voltavam à Alemanha, Hitler incumbiu a cineasta do Partido Nazista, Leni Riefenstahl, de produzir um longa-metragem baseado nos acontecimentos dos Jogos Olímpicos de 1936. Para isso forneceria todos os subsídios possíveis para sua realização, assim como no filme *O Triunfo da Vontade*, se este “[...] havia feito a Alemanha segura para os alemães, um filme sobre as Olimpíadas faria a Alemanha segura para o mundo todo” (BACH *apud* FRIGERI, 2013, p. 601).

O filme *Olympia* foi lançado em 1938,

[...] com 400 km de filme bruto, levou dois anos para ser editado, sua estreia aconteceu em Berlim no 49º aniversário de Adolf Hitler e apenas dez meses antes do início da 2ª Guerra Mundial. Mais tarde, *Olympia* (1938) foi criticado pelo culto ao corpo que propagava, críticos entenderam que a obsessão da diretora pela perfeição atlética era um demonstrativo de sua arte fascista. Riefenstahl viajou o mundo para divulgá-lo e com ele ganhou prêmios na Alemanha e na França. (FRIGERI, 2013, p. 602)

Nele, Leni Riefenstahl buscou utilizar toda técnica e tecnologia desenvolvida na época para fazer dos jogos uma obra de arte.

As teleobjetivas, técnicas de câmera lenta, variações de perspectiva, colocação de câmeras em carros elétricos e trilhos para filmar corridas e marchas, assim como o uso de guias gigantescas e cadeira-elevador montada sobre um mastro foram algumas de suas técnicas cinematográficas. (PEREIRA, 2012, p. 314)

Mas para além do âmbito tecnológico, *Olympia*, assim como outros filmes de Riefenstahl “São epopéias ... sobre o triunfo do poder ... A arte fascista exibe uma estética utópica: a da perfeição física” (SONTAG *apud* HERNÁNDEZ, 2010, p. 11).

4.3 SOBRE UM LONGA-METRAGEM

Olympia (1938) foi dividido em duas partes, *Fest der Völker* (Festa das Nações) e *Fest der Schönheit* (Festa da Beleza), de modo a abarcar tanto os momentos mais significantes das provas olímpicas, quanto a identidade proposta pelo povo germânico aos demais países, combinando filmagens espontâneas dos Jogos com a atuação de atletas em ambientes e situações não ligadas necessariamente com a prática de seus esportes.

4.3.1 SOBRE NAÇÕES EM FESTA

A primeira parte de Olympia começa com uma música imponente, energética, aos poucos são reveladas placas de mármore, tais quais aquelas da antiguidade grega. Lê-se em cada uma dessas placas, em letras estilizadas: “Olympia – Festa das Nações”; “O filme dos XI Jogos Olímpicos – Berlim 1936”; “Dedicado ao idealizador dos Jogos Modernos, o Barão Pierre de Coubertin”; “Em honra e glória aos jovens do mundo”; “produzido por Leni Riefenstahl”; “Música de Herbert Windt” (OLYMPIA, 1938). Aos poucos, as placas de aspecto antigo dão espaço a imagem do símbolo olímpico, os cinco elos entrelaçados, e logo após uma imagem grega de verdade. A abertura não faz menção clara ao nazismo, assim como o resto do filme. Pode-se dizer que os aspectos da ideologia estão nas entrelinhas do longa-metragem. A ideia de aproximar os alemães e os gregos é clara desde o início, a começar pelo nome do filme. No filme, nada consta como “Jogos Olímpicos de Berlim”, apenas a palavra Olympia, uma tentativa de filmar e transmitir a própria antiguidade grega clássica e não apenas mais uma competição entre países modernos. Um filme, não para filmar uma história, mas para ser a própria história do mundo ocidental.

Aos poucos a música se torna mais fria, profunda, como se transportasse o espectador através das brumas de tempos longínquos. Ao atravessar a névoa surgem ruínas gregas, escombros a muito abandonados. A música torna a mudar, crescendo e criando uma atmosfera de suspense. Ao longe avista-se um templo grego em meio às ruínas. Entrando no templo, colunas gregas em toda a sua imponentia sobem alto até o teto. Pela primeira vez mostram-se pessoas, eternas e perfeitas, esculturas gregas. Nelas vê-se o corpo, a perfeição e a beleza do corpo grego. Músculos em proporções perfeitas. Homens e mulheres nus repousam através do tempo em sua beleza estática. A representação do corpo perfeito, almejado por Hitler para todos os alemães, atestados historicamente em sua concepção pelos gregos. As filmagens vão de estátua em estátua, até se depararem com o símbolo máximo da Educação Física contemporânea: o Discóbolo.

A trilha sonora adquire um tom menos profundo e mais forte, másculo. A escultura do discóbolo começa a esmaecer gradativamente, se tornando um atleta alemão do lançamento do disco. Focalizando-o de baixo para cima, este adquire proporções gigantescas. Nada mais claro que a transformação da escultura grega no atleta alemão para demonstrar a tentativa de aproximar as duas nacionalidades. “O

prólogo de *Fest der Völker* nos direciona para compreender que é na Alemanha que o espírito olímpico original será ressuscitado” (FERREIRA M., 2002, p. 116). Logo em seguida, surgem atletas do disco, peso e dardo, que se encontram em uma campina, sob um céu aberto, quase como se o espaço de suas práticas fosse atemporal, presos em uma eternidade grego-germana. As sequências que se seguem mostram técnicas perfeitas, homens alemães, viris, brincando com seus implementos como se não exigissem esforço algum. Os super-homens alemães em ação, a supremacia da raça ariana.

Os atletas alemães dão lugar então, à ala feminina e a música cria uma atmosfera mais delicada. Na mesma paisagem verdejante, as alemãs praticam ginástica rítmica, movimentos suaves com as mãos nuas, arcos, cordas e bolas, contrapondo a força natural dos homens. A profusão de mulheres nuas prossegue em sincronia e delicadeza, quase como que resgatando as dançarinas dos templos gregos, em uma dança hipnotizante de culto a fertilidade, ao sol, a natureza, a vida.

Como que vinda de dentro dos ventres femininos, uma chama surge. Esta se expande e se transforma na tocha olímpica. Segundo Gordon, “A chama sagrada era um emblema potente da harmonia e pureza dos povos germânicos. O simbolismo do fogo, que está enraizada em tradições cristãs e pagãs, foi utilizado para fins nacionalistas no período romântico” (GORDON, 2002, p. 196, tradução nossa) e simbolizava

“A luz sobre as trevas, o sol contra a noite. Representando as forças místicas do sol trazendo vida e dando aos homens força e vitalidade. Para os nazistas significava purificação, simbolizando a comunidade fraterna, e servindo para lembrar os membros do partido do ‘processo eterno da vida’” (GORDON, 2002, p. 196, tradução nossa).

A música se torna imponente outra vez, em júbilo ao espírito olímpico e, talvez, ao próprio povo germano. Fica clara a relação entre a mulher esparto-germana e o nascimento do espírito dos Jogos Olímpicos encarnado no povo alemão, de modo que é possível interpretar que a própria Alemanha toma o lugar da Grécia enquanto idealizadora dos Jogos e estandarte da cultura, da beleza e do atletismo. A respeito do primeiro atleta a carregar a tocha olímpica, Graham *apud* Ferreira M. cita que

Anatol Dobriansky chamou atenção da diretora pelo seu belo porte de atleta grego. O cinegrafista Heinz von Jaworsky, que acompanhou Leni nessas filmagens na Grécia, assim descreveu o arrebatamento que o grego causou na alemã: Num momento, um jovem grego, que acredito estar nos seus vinte anos, estava correndo levando a tocha e ele era extremamente bonito, pele cor de bronze, lindos cabelos encaracolados, de corpo bem formado. E ela [Leni] dizia: filme mais dele! Filme mais dele! Filme em todo lugar mais dele, ele é lindo! (GRAHAM *apud* FERREIRA M., 2002, p. 118)

Ao sair das ruínas correndo e carregando o símbolo olímpico, Anatol é filmado por alguns momentos antes de entregar a chama ao próximo corredor

Ele corre margeando a água, mas depois ele é sobreposto com imagens de ondas arrebatando. Ele e sua tocha passam intocáveis por essas intempéries. Se esta seqüência é uma elipse, Riefenstahl resumiu nas ondas a conturbada trajetória da civilização dos gregos até seus dias, nos anos de 1930, resgatando assim, simbolicamente, a Odisséia. E mostra igualmente que, mesmo assim, o espírito olímpico permaneceu inabalável. (FERREIRA M., 2002, p. 118)

A tocha é revezada, passando de mão em mão, saindo das ruínas gregas e passando por diversos países europeus, sendo recebida com festa pela população em todos os lugares. A chama passa pela Bulgária (Sofia), Iugoslávia (Belgrado), Hungria (Budapeste), Áustria (Viena), Tchecoslováquia (Praga) e chega, no ponto mais alto da música, à Alemanha. Mais precisamente no gigantesco Estádio de Berlim.

Um gigantesco sino toca, anunciando a tão esperada hora, chamando todos os povos para a Festa das Nações. No sino pode-se notar uma grande águia, símbolo alemão, tal qual a República de Roma, segurando com suas garras os cinco elos das Olimpíadas, como que sugerindo domínio alemão sobre os Jogos e a cultura grega. Ainda a respeito deste, Ferreira M. destaca que

O sino tocando preenche o espetáculo de uma atmosfera religiosa. As badaladas das igrejas anunciam os momentos de culto dos fiéis. As badaladas do sino olímpico sacralizam os Jogos. Mas não é qualquer pessoa que pode participar desse culto, dentro dessas quatorze toneladas estava escrito um verso do romântico Schiller: "Convoco a juventude do mundo". Apenas a juventude atlética era permitida a ingressar nessa missa profana dos corpos. Àqueles a quem era proibida a entrada, estavam reservadas as arquibancadas. (FERREIRA M., 2002, p. 121)

As bandeiras dos países são hasteadas e as delegações começam a entrar no estádio, algumas delas entram com o braço estendido à frente, realizando a saudação nazista. Interessante observar a diferença de comportamento entre uma delegação e outra, enquanto as delegações da Áustria, Itália e Grécia entram saudando Hitler, Grã-Bretanha e Estados Unidos não o fazem, devido, provavelmente, ao conhecimento das ideologias nazistas. O *Führer* retribui todos os cumprimentos, como um bom chefe de Estado. A delegação francesa é uma das que passa fazendo a saudação. Tempos mais tarde o país sofreria muito com a guerra. Uma reflexão aqui se faz necessária, se a delegação norte-americana entra sem saudar o líder nazista devido a sua oposição ideológica, isso significa que os demais países compactuam com Hitler ou apenas apresentam boas maneiras na casa do anfitrião? Ser neutro é ser cúmplice? Como elucida Pereira, a saudação francesa seria interpretada posteriormente “como indícios do espírito derrotista da França de Vichy” (PEREIRA, 2012, p. 319).

A entrada da delegação alemã, trazendo consigo estandartes vermelho sangue com imensas suásticas, causa um grande alvoroço no público. Música de pompa para os alemães. A maior delegação, valorizada de todas as formas pelo jogo de câmeras. Hitler saúda e observa seus “filhos” marcharem pelo estádio com um sorriso contido no rosto, orgulhoso. Após todas as delegações entrarem, o anfitrião declara aberta a XIª Olimpíadas da Era Moderna. Hasteia-se a bandeira olímpica e uma revoada de pássaros toma o céu.

Mudando de cenário a tocha é carregada em meio às ruas de Berlim, onde, apesar de o filme ser em preto e branco, podemos ver as decorações em vermelho, preto e branco, ostentando suásticas por todos os lados. Com uma música triunfante, a chama olímpica chega ao estádio, sendo carregada por um jovem louro. Nada mais óbvio que o símbolo das Olimpíadas ser carregado por um suposto ariano puro-sangue. Silêncio total. A pira olímpica é acesa e um coro de vozes saúda o evento, como que se o mundo inteiro estivesse presente em uníssono. As chamadas se misturam com o próprio sol ao fundo, começam os Jogos de Hitler.

O símbolo olímpico aparece flutuando entre imensas colunas, quase não se nota os cabos que o suspende. Locutores dão as boas-vindas aos participantes do evento em várias línguas, utilizando expressões como “Estádio de Berlim, a última palavra em modernidade”, “Aqui no grandioso Estádio de Berlim”, “Grandioso Jogo Olímpico de 1936”. Os Jogos não serviriam apenas para mostrar a superioridade

alemã dentro dos esportes, mas toda a sua modernidade frente aos demais países. A divindade e o surreal se misturam com o realismo nessa introdução de Olympia.

As primeiras competições são as do atletismo, a começar pelo lançamento de disco. Na prova masculina a disputa fica entre Alemanha e Estados Unidos, sendo este último o medalhista de ouro, as tomadas em câmera lenta são utilizadas para exaltar a execução de ambos. Na disputa feminina a Alemanha também aparece entre os finalistas, disputando e vencendo a Polônia. A cada vitória é captada em detalhes a vibração do povo alemão, os outros torcedores também são mostrados, mas não com o mesmo enfoque.

No lançamento de Dardo duas alemãs levam a melhor contra a Polônia, conquistando o primeiro e o segundo lugar. Nesta prova, um dos recursos cinematográficos utilizados é a filmagem da trajetória do dardo alemão em contraste com o céu, como se este viajasse absurdamente alto. Recursos para se mostrar o fantástico. Para se criar uma atmosfera de imersão do espectador nas provas, “os cinegrafistas de Leni abusam de câmera lenta, da apreensão de detalhes das pernas, pés, dos olhares ou da concentração dos esportistas antes de competirem” (FERREIRA M., 2002, p. 124).

Os pódios do atletismo são divididos basicamente entre a Europa e os Estados Unidos. Nos finais dos 80 metros com barreiras, feminino, não é diferente, vitória italiana com Valla. Alemanha e Canadá dividem as duas outras colocações. Valla estende o braço saudando Hitler do lugar mais alto do pódio.

Não se sabe se o desempenho alemão nas Olimpíadas de Berlim foi tão bom em decorrência do empenho governamental em proporcionar a maior prática esportiva para os jovens ou pela maior quantidade de atletas em comparação aos demais países.

No lançamento do martelo a Alemanha vence novamente, conquistando o primeiro e o segundo lugar. Hitler aparece rindo, alegre com o desempenho alemão, como se fosse apenas mais um espectador dos jogos, um homem do povo. A todo momento a narração expressa alguma faceta da ideologia nazista. Na prova do martelo, ao se referir ao lançamento do alemão Hein, as palavras são “Mais distante ainda! 56 metros 49!”, colocando em evidência a superação dos super atletas alemães frente à seus adversários. Com a dupla vitória alemã, as suásticas sobem alto em seus mastros, seguidas pela bandeira sueca.

Um dos acontecimentos mais marcantes das Olimpíadas de Berlim foi a dupla vitória norte-americana nos 100 metros rasos masculino e o pódio com Jesse Owens e seu compatriota com os punhos erguidos para o alto, símbolo de resistência negra. Apesar de racista em diversos momentos, o filme não deixa de mostrar os fatos, a vitória de Owens aparece, assim como a anulação da primeira corrida da final devido as condições inapropriadas do vento, mas sem grande pompa, apenas o placar com o resultado e nada do pódio negro na tela.

As seqüências dedicadas a James Cleveland podem ser consideradas emblemáticas tanto no tocante às polêmicas relativas à crença na “supremacia racial” ariana (e que foi desenvolvida pelo nazismo no correr da década de 1930), que teriam sido suscitadas pelas Olimpíadas de Berlim, como à maneira pela qual a cineasta lidou com os corpos dos atletas, tomando os como vetores para o espetáculo cinematográfico. (ROVAI, 2009, p. 99)

Para Hart-Davis *apud* Rodrigues, as cenas dedicadas ao norte-americano apontam para uma direção contrária a que seria uma propaganda de cunho político (HART-DAVIS *apud* RODRÍGUES, 2002, p. 94), porém, ao analisar mais profundamente Riefenstahl, principalmente em seus trabalhos posteriores ao período nazista, pode-se observar um “comprometimento irresistível com a celebração do poder. Traço que atravessaria toda a sua produção visual, sob o disfarce de uma multiplicidade de signos e discursos” (FEITOZA, 2012, p. 450), sendo assim, a documentação de Owens, bem como os demais negros e não-arianos que aparecem nos filmes, não é contraditória a arte facista de Leni, apenas reafirma o culto ao poder e a potência dos corpos presente na ideologia nazista.

No arremesso do peso, a disputa se dá entre os Estados Unidos, Finlândia e Alemanha. O americano é filmado como se fosse um gigante na prova, mas perde para o alemão em uma reviravolta, novamente a superação do povo alemão se faz presente no longa-metragem. Hitler comemora eufórico o primeiro e terceiro lugares alemão após momentos de tensão. Suásticas tremulam no céu de Berlim. Ao montar o filme como bem lhe convém, buscando contar a história dos jogos como foi observado por ela,

Leni Riefenstahl nos oferece essa visão particular do esforço dos atletas durante todas as provas de atletismo. E então podemos concluir que é o corpo que lhe interessa. As suas potentes câmeras

fora criadas e aplicadas senão para capturar aquele pulsar fascinante dos músculos tensos; da expressão de preocupação, de dor e de alívio que os rostos dos esportistas ocorrem, respectivamente, no início, durante e no final das provas. Para acentuar essa tensão, ela lança mão do silêncio no momento, por exemplo, em que um atleta se prepara para saltar e do grito efusivo da platéia no instante em que ele vence seu obstáculo. (FERREIRA M., 2002, p. 126)

Na prova dos 800 metros rasos masculino, mais uma vez o racismo se faz evidente nas filmagens. As principais falas da narração no começo da prova são “Dois corredores negros contra três brancos”, “O favorito é o grande corredor negro, Woodruff” e “Lanzi – caucasiano –, da Itália, é a esperança da Europa”. Durante a prova a torcida italiana, bem como a de outros países, gritam fortemente. “Onde está Lanzi?!?!” se pergunta o narrador. Woodruff conquista o primeiro lugar para os Estados Unidos. Os dois negros dividem o primeiro e o terceiro lugares, Lanzi fica em segundo. Sem imagens do pódio. Em diversos momentos do longa-metragem “A trilha sonora se vale de uma voz em off que, em lugar de informar, comenta com dramatismo as provas e reforça o suspense sobre o resultado, e de uma variada música ao estilo wagneriano de Herbert Windt (PEREIRA, 2012, p. 320). Não apenas a narração e a música são utilizadas para aumentar o dramatismo das cenas, mas também a sobreposição de imagens e seu ritmo constante, de forma a valorizar os esforços e o valor do trabalho em equipe, uma clara representação do microcosmo do espírito nazista (TORREGROSA, 1997, p. 75).

Os microfascismos atuam nas pequenas torções e detalhes da aparência biofísica para que o corpo apresentado satisfaça um desejo pela simetria ariana/caucasiana. O esforço para demarcar a pluralidade no centro da imagem, como uma obrigação política inevitável da forma, insiste que ela se deixe seduzir pelos discursos de beleza que jamais deixam de se vincular ao poder. (FEITOZA, 2012, p. 462)

Na prova do salto triplo, os japoneses vão muito bem, conquistando a primeira colocação. Suas performances, assim como do alemão Wöllner, são registradas em câmera lenta, como se flutuassem entre um salto e outro. Richardson, um atleta negro do Canadá, é filmado em um salto muito mal executado seguido da anulação de sua tentativa. Proposital registrar a falha do atleta?

No salto em distância, a final é entre o alemão Lutz Long e Jesse Owens. O americano leva a melhor em uma disputada sequência de saltos.

Entretanto a corrida para o salto não aparece na tela. O que Riefenstahl julgou digno de ser registrado foi o movimento de cabeça do atleta alemão, que com olhos atentos acompanha o salto de Owens. A rapidez e o impulso do norte-americano são dados pelo movimento de cabeça do seu competidor, a um passo da derrota. Nada mais emblemático da maneira como Riefenstahl concebia os atletas olímpicos em Berlim: fortes, ágeis e capazes de proezas. Cabia então dar-lhes planos que lhes fizessem justiça. Afinal, se Lutz Long quebrara o recorde olímpico e já estava a um passo dos outros atletas, Leni Riefenstahl deveria criar uma seqüência capaz de dar conta da conquista de J. C. Owens, como se no movimento da cabeça e no semblante do atleta da Alemanha estivessem configurados pelo menos dois tipos de afetos: o da frustração pela derrota e o de admiração ante o feito esportivo do outro. Tais escolhas estéticas da cineasta garantem densidade ao conjunto desses planos, envolvendo os dois competidores, como se o jogo música/silêncio e a câmera de velocidade mais lenta, utilizados no correr do filme, não fossem suficientes para dar a tonalidade heróica e graciosa aos movimentos do corpo. (ROVAI, 2009, p. 100)

As bandeiras sobem no céu, mas o pódio, novamente, não é mostrado. O mesmo acontece no salto em altura masculino, onde os Estados Unidos conquistam as três posições no pódio, sendo os dois primeiros colocados, negros. Já nos 110 metros com barreiras o pódio é mostrado, mas apenas porque o primeiro e segundo lugar são representados por brancos, ainda que dos Estados Unidos e Inglaterra. Os atletas batem continência. O foco da câmera é somente no ponto mais alto do pódio

As provas subsequentes aparecem sem muitos acontecimentos marcantes. No lançamento do dardo, as filmagens retratam novamente os dardos em contraste com o céu, dando a impressão de que estes atingem uma grande altitude. Já nas provas de corrida de fundo e revezamento é interessante ressaltar a falta de atletas negros competindo, tendo em vista que hoje, muitos competidores de elite, principalmente na maratona e corridas mais longas, são negros de origem africana. As Olimpíadas de 1936 contaram com apenas 51 países competidores, no filme apenas a África do Sul aparece, sendo possível que esta tenha sido a única ou uma das poucas delegações do continente africano.

Os torcedores alemães, bem como o próprio Führer, são retratados em mais alguns momentos, torcendo, vibrando, apreensivos com os resultados de sua pátria amada. As conquistas mais significativas da Alemanha, e mesmo a situação em que perdem, mas lutam para tentar vencer, são sempre muito ressaltadas na tela, de uma maneira ou de outra Leni Riefenstahl dá um jeito de promover o povo alemão.

A última prova de Festa das Nações é a da maratona masculina. Devido à grande duração da prova e a aparente monotonia das longas corridas de fundo, “Leni queria que os espectadores de seu filme vissem e sentissem a prova (FERREIRA M., 2002, p. 2013). Para isso, são mostradas apenas algumas cenas da prova e

À medida que a prova vai chegando ao fim, e que os atletas vão perdendo o fôlego, a câmera se aproxima deles e mostra o cansaço que sentem. Leni alterna a narração emocionada dos locutores com a trilha sonora. Ela funde seus “atores” com fragmentos da natureza: o vento na grama nas árvores. Filma insistentemente as sombras das pernas dos maratonistas e nos proporciona uma apreensão altamente estetizada da corrida. A música vai se tornando cada vez mais rápida, num ponto em que parece que vai sofrer um ataque cardíaco. A prova atinge seu clímax, os corredores estão de volta ao estádio, as cornetas anunciam sua chegada, a platéia vibra. A locução retorna e a própria música conta o final. (HINTON *apud* FERREIRA M., 2002, p. 127)

Apesar de ser documentado com detalhes a beleza das provas, com toda a sua persistência e superação, o lado não tão belo dos esportes competitivos, que incluem por exemplo a agonia, o sofrimento e a dor física, não aparece, é simplesmente cortado ou estetizado (ALKEMEYER *apud* MACKENZIE, 2003), demonstrando a intenção de Leni em moldar os fatos para que se encaixem em sua história de maneira romântica. “As escolhas de Riefenstahl durante a montagem não priorizam propriamente o que aconteceu nas Olimpíadas, mas um certo modo de encenar o acontecimento” (ROVAI, 2009, p. 96)

A primeira parte de Olympia (1938) se encerra com a maratona masculina sendo vencida por atletas de pele clara (Kitei Son do Japão, Harper da Inglaterra, Nan do Japão, Tamila da Finlândia, Muinonen da Finlândia e Coleman da África do Sul), um pouco diferente do que estamos acostumados hoje. Os vencedores entram no estádio acompanhados pelo som de muitos trompetes. Situados no alto de uma torre, são como um anúncio divino da chegada de semideuses. Música triunfal de fundo,

pódio e bandeiras na tela. Logo depois, bandeiras de todas as nações adentram ao estádio e os símbolos do começo retornam, aparece a pira Olímpica mais uma vez, o coro de vozes saudando o espetáculo cresce em meio à multidão e o filme acaba com o cenário alemão, o sino com a águia e o símbolo olímpico, o estádio de Berlim ao fundo e as bandeiras com os elos dos continentes tremulando acima dele.

4.3.2 SOBRE UMA BELA FESTA

A segunda parte do filme de Leni é denominada Olympia – Festa da Beleza, carregando uma atmosfera muito diferente da apresentada na primeira parte de sua produção. As referências aos gregos já não são apresentadas com tanta ênfase como na primeira parte, agora mais sutis, o espírito olímpico e o espetáculo dos jogos é todo alemão. Nada de tabuletas de mármore, apenas as bandeiras olímpicas ao fundo, surgindo o nome do filme, seguido pelos demais créditos em letras estilizadas que lembram vagamente as utilizadas no império romano.

Como o próprio título sugere, a segunda parte de Olympia é destinada a mostrar a beleza dos jogos, diferentemente das demonstrações de superação, garra e força das provas de atletismo da Festa das Nações. Essa oposição entre força e beleza é também feita ao se comparar os jogos mais próximos aos tradicionais jogos gregos e os jogos da Era Moderna, contrapondo o atletismo, a mais pura demonstração das capacidades físicas, às demais criações humanas no mundo esportivo. Porém o filme inicia-se de outra maneira, surge na tela uma simples cabana em meio a um bosque. Uma música calma acompanha as imagens, como se emanasse da própria natureza. Se exercitando pelo bosque estão os atletas alemães, como se o fizessem diariamente, como se aquele fosse seu habitat natural. “A diretora centrou-se em captar a natureza, as árvores, os bichos que povoavam o bosque e os homens que naturalmente não desarmonizaram esse ambiente matinal” (FERREIRA M., 2002, p. 129). Atravessam nus o pequeno lago para chegar à cabana e aproveitar de sua sauna. Lá se banham todos juntos, se massageiam, como se a nudez fosse algo corriqueiro e natural, não há pudor,

“Eles sorriem e entregam-se ao prazer deste contato com a natureza do lugar e deles mesmos. O corpo gera essa sensação erotizada na qual esses atletas se inserem. Notamos sua vaidade, sua beleza e a

êxtase que ocorre em serem belos juntos” (FERREIRA M., 2002, p. 131).

Ao sair da sauna, dão continuidade ao momento de descontração nadando no lago. A cena recorda os costumes gregos e seu relacionamento com a nudez humana, inclusive na naturalidade de algumas situações envolvendo dois homens, como as massagens entre os atletas e o banho, por exemplo.

As próximas cenas são da Vila Olímpica. Nela a atmosfera é de descontração e brincadeira, onde atletas de todos os países presentes no evento, compartilham de um momento de descanso e camaradagem. Brincam com bolas, alongam, mostram o lado divertido do esporte, deixando a rivalidade para dentro do campo. Até mesmo um canguru é avistado entre as casas. A vila é um pedaço de irreabilidade, à parte do mundo, talvez um pedacinho do próprio Olimpo onde os semideuses podem repousar.

Conforme mencionado anteriormente, a preocupação desta segunda parte de Olympia é mostrar a beleza do esporte e, sobretudo, a beleza que foi as Olimpíadas de Berlim. Desta forma, a maioria das competições que aparecem não são tão bem detalhadas quanto as provas de atletismo da Festa das Nações, apenas alguns recortes das principais cenas. Competições que contariam com vários jogos ou combates são reduzidas as cenas do último confronto, como é o caso da esgrima, do boxe, do futebol, etc. Para a continuação do evento, surge novamente o – grandioso – estádio. Entram os competidores da ginástica. Segue-se muitas cenas em câmera lenta e de ângulos diversos para valorizar a performance dos atletas. Controle corporal, força e flexibilidade em diversos aparelhos da ginástica demonstram toda beleza e perfeição dos competidores.

O filme de Riefenstahl parece uma descrição de práticas corporais que ultrapassam o limite de meras provas esportivas. São exhibições de movimento, em que cada detalhe sublinha o esforço, a concentração, a elasticidade, a harmonia de forma, o controle do tempo e do espaço. (FERREIRA M., 2002, p. 133)

Aliada a essa leitura das performances dos atletas, Leni cria através do jogo de câmeras um ambiente único, onde

O tempo e o espaço parecem não existir na obra de Leni. Nós sabemos que se trata dos Jogos Olímpicos de 1936 em Berlim porque ela nos dá essa referência. No entanto, alguns elementos nos levam

a vencer esta limitação tempo-espacial. Leni raramente nos dá a referência do chão; ao contrário, ela procura as nuvens e coloca seus corpos protagonizando cada cena contra o céu. (FERREIRA M., 2002, p. 134)

Logo após, é a vez de se mostrar o Porto de Olympia, com as provas navais da regata olímpica, categoria internacional – vitória alemã – e da categoria de 6m. Retornando à terra, mostram-se cenas da esgrima e do boxe, este último tendo mais um alemão campeão. Propositamente ou não, a vitória deste é sobre um argentino de feições não tão arianas.

Três competições receberam maior enfoque nessa segunda parte, Pentatlo Moderno, Decatlo e a corrida com obstáculos a cavalo, pois as provas combinadas representaram na época o atleta/soldado perfeito, que não só seria bom na corrida, mas também nas provas de força, precisão e etc. A primeira a ser focalizada é o Pentatlo Moderno, contando com as provas de hipismo 5km, tiro ao alvo, esgrima, natação e corrida. “Estabelecido pelo Barão de Coubertin como uma série de exercícios que resumiriam a preparação física do corpo de oficiais de uma nação, o pentatlo reafirma a militarização dos ideais esportivos” (FERREIRA M., 2002, p. 136). Nota-se claramente que a maioria, senão todos os atletas são do exército, numa tentativa de mostrar a superioridade de cada exército através do esporte. Não apenas nessa prova de caráter militar, mas na segunda parte de Olympia como um todo “é quase impossível não notar a onipresença das fardas nazistas comandando as modalidades” (FERREIRA M., 2002, p. 136).

O favorito à medalha de ouro no pentatlo é um sueco, porém quem fica com o lugar mais alto do pódio é o Primeiro-tenente Handrick da Alemanha, seguido pelos Estados Unidos e Itália, ambos do exército também. No pódio, apenas os atletas da Alemanha e da Itália fazem a saudação nazista. Demonstrar publicamente a superioridade de seu povo era o objetivo principal de Hitler com as Olimpíadas, sendo assim, nada melhor que uma prova com atletas do exército para demonstrar a superioridade de suas forças armadas, intimidando os demais países através do esporte.

Realizando uma pausa entre as provas, mas sem deixar de mostrar a grandiosidade alemã, 10.000 mulheres dançam em sincronia em frente ao –

monumental – estádio de Berlim, uma exibição das maravilhas que a nova Alemanha tinha a oferecer para o mundo.

Belas, jovens e saudáveis, elas dançam com bastões nas mãos. A dança que elas fazem lembra muito aquela do início da primeira parte, em que evocam o espírito grego das ruínas. Não é só o fato de a participação das mulheres nessas Olimpíadas estar centrada, maioria das vezes, em apresentações e coreografias. Mas o fato mais desconcertante que está na quantidade de mulheres que estão nestas coreografias. (FERREIRA M., 2002, p. 140)

Retornando ao campo de provas do atletismo, é a vez do “desafio dos desafios”, como o narrador chama a prova combinada do Decatlo, acrescentando logo depois que até 1936 o primeiro lugar pertencia à Alemanha. O Decatlo consistiu em dez provas: 100 metros rasos, salto em distância, arremesso do peso, salto em altura, 400 metros, 110 metros com barreiras, lançamento do disco, salto com vara, lançamento de dardo e, por fim, 1500 metros. Os Estados Unidos dominaram as provas do começo ao fim, terminando com o primeiro, segundo e terceiro lugares. A Alemanha começou bem longe do pódio, mas subindo prova a prova terminou na quarta colocação.

Dando seguimento as filmagens do evento, são documentadas as cenas da final do hóquei na grama entre Índia e Alemanha, no entanto, o vencedor do confronto não é destacado. No pólo sobre cavalos também não, sendo apresentado apenas algumas jogadas. O mesmo acontece no confronto entre Áustria e Itália pelo futebol masculino, o qual é vencido pelos italianos por dois gols a um. No ciclismo de 100 km a narração volta a atuar um pouco mais, comentando a prova. Os franceses vencem tanto na categoria individual quanto na por equipes, sendo a primeira competição de ciclismo nas Olimpíadas em que não é computado o tempo individual de cada atleta, mas sim, a disputa homem a homem, como na maratona e demais corridas. O principal em relação a essas provas, não é o resultado em si, mas sim

[...] a contribuição que as filmagens de Leni ofereceram às atuais transmissões. O padrão de imagens pode ser medido na cobertura que ela deu aos esportes coletivos como o hóquei, o pólo e o futebol. A câmera faz travellings nas laterais, acompanhando com exatidão a velocidade do deslocamento das equipes. No jogo de pólo, essas imagens são impressionantes, pois elas seguem o ritmo dos cavalos a correr pelo campo. No hóquei e no futebol, as defesas são dos goleiros e os melhores passes dos jogadores são exibidos em câmera lenta, adiantando a tendência ao replay. Nessas modalidades, não

importa muito o resultado dos jogos, mas as inovações técnicas que os transmitiram. (FERREIRA, 2002, p. 138)

Utilizando-se novamente das imagens para promover a Alemanha de Hitler, a prova da corrida a cavalo com obstáculos é filmada com muitos detalhes, comparando os principais cavaleiros com os heróis alemães presentes. Os principais percursos, saltos e desafios são filmados várias vezes para mostrar os melhores competidores. O Primeiro-Tenente Freiherr Von Wangenheim é o principal atleta alemão. São mostrados dois obstáculos principais a serem superados pelos cavaleiros: um declive acentuado com uma barreira no alto e outra ao iniciar a subida e uma barreira seguida por um charco. Em ambas, a dificuldade dos competidores – não-alemães – é evidente, havendo muitas quedas dos cavaleiros e/ou dos cavalos, cavalos se recusando a saltar, entre outros contratemplos. Já os três cavaleiros alemães realizam as transposições muito bem, apenas ao atravessar o charco o cavaleiro Wangenheim e seu cavalo caem, mas continuam a prova como se nada houvesse acontecido. O narrador exalta a força alemã ao lembrar que metade dos que começaram a prova, não a terminaram, e que Wangenheim, mesmo tendo quebrado a clavícula no decorrer da prova, lutou bravamente e trouxe mais uma medalha de ouro para a Alemanha.

Na canoagem sem timoneiro, a Alemanha brilha mais uma vez, vencendo a temível Inglaterra. Os alemães já somavam cinco medalhas apenas no remo. Na final de outra categoria de canoagem, a Alemanha luta em um ritmo frenético pelo ouro, mas é ultrapassada pelos Estados Unidos e pela Itália.

O restante do filme é composto por outras provas aquáticas, mas sem grandes enfoques da narração sobre a performance alemã. Ainda são filmados os saltos ornamentais femininos, 200m nado clássico masculino, 100m estilo livre masculino, 100m nado livre feminino e por último, os saltos ornamentais masculinos. Estados Unidos e Japão fazem uma ótima participação nessas provas. É interessante ressaltar duas técnicas utilizadas nessa parte do filme, primeiramente a técnica de filmagem submersa, criada por Leni para captar os atletas dentro d'água e que revolucionou o cinema – assim como outras técnicas utilizadas até hoje pelos programas esportivos e pelo cinema como um todo –, e o jogo de ângulos ao captar os saltos ornamentais, pois, focalizando os atletas saltando de baixo para cima, dá-se a impressão de que estão saltando em pleno céu, não há um ponto de apoio para o telespectador, apenas a plataforma, o atleta e o céu. Essas duas técnicas, assim como a câmera lenta, a

reprodução de trás para frente e outras utilizadas em Olympia, contribuem para impressionar, tecnológica e artisticamente, a população da época, criando até mesmo um cenário surrealista, como nas últimas cenas dos saltos ornamentais masculinos, onde homens “sem medo”, “leves”, saltam de “alturas inimagináveis”, rodopiando pelos ares.

As nuvens tomam a tela e o telespectador se vê atravessando-as. O – grandioso – estádio de Berlim surge ao longe. O sino soa novamente com a grande águia alemã segurando as Olimpíadas com suas garras. Fachos de luz sobem do – gigantesco – estádio. A música é de triunfo, não só da vontade, mas de todos os aspectos heroicos alemães, que nessas Olimpíadas, se mostraram de fato – ou se deixaram mostrar –, conforme exposto por Michaud (1996), citado por Brandt (2011, p. 115), rápidos com um *greyhound*, semelhantes ao couro e duros como o aço *Krupp*. Um coro de vozes se ergue ao mesmo tempo que aparece a pira Olímpica. Bandeiras nacionalistas tremulam em seus estandartes, louros são colocados em suas hastes, homenageando-as. Tremula soberana(?) a bandeira Olímpica. Aos poucos a chama da pira se apaga e a fumaça ascende junto aos fachos de luz até se encontrarem em um único ponto no céu. Uma estrela. O divino retorna ao seu lar.

5. SOBRE UMA IDEOLOGIA, UM ESPETÁCULO E UM CORPO

A Educação Física, assim como a propaganda, os grupos juvenis, dentre outros, foi uma ferramenta, e ferramentas nas mãos erradas podem tanto construir quanto destruir. A relação entre ela e o filme, se não for muito bem analisada, corre o risco de ser vista apenas no âmbito esportivo que a Educação Física carrega, mas ao nos aprofundarmos e refletirmos sobre Olympia veremos que esta tem uma conexão muito mais forte tanto com a ideologia quanto com a educação física nazista. Utilizando-se da Educação Física, propaganda e outros meios, “o nazismo se embrenhou na carne e no sangue das massas por meio de palavras, expressões e frases que foram impostas por repetição, milhares de vezes, e foram aceitas inconsciente e mecanicamente” (KLEMPERER, 2009, p. 14).

Enquanto ferramenta formativa – ou destrutiva –, a Educação Física se mostrava de suma importância para o nazismo, pois esta servia como meio para veicular a sua ideologia e todos os aspectos julgados interessantes ao Terceiro Reich, como por exemplo: o trabalho em equipe, a valorização da raça ariana, a não-misericórdia, a superação de limites, a devoção pela causa nazi, (de)formando o indivíduo. Foi baseado nessa devoção e no senso de sacrifício próprio em detrimento da nação, que os alemães ganharam uma força tão grande, pois nada é mais nocivo que um homem movido pelo fanatismo. Em Olympia tenta-se mostrar a todo custo esses valores transmitidos pela Educação Física, sobretudo a superação e a supremacia da raça alemã. É importante deixar claro que esses valores não eram transmitidos apenas pela Educação Física para o povo alemão, mas esta era, assim como ainda é nos dias de hoje, uma das ferramentas que mais propiciava situações para ser realizada essa transmissão.

Além disso, como explicita Frigeri (2013, p. 601) ao citar Bach, “As Olimpíadas e o filme de sua cobertura dariam a possibilidade de a Alemanha mostrar-se ao mundo: para garantir a imagem de Berlim como uma cidade-modelo, com ruas seguras para os turistas”. Para tanto,

[...]conforme os jogos se aproximavam, a polícia começou a recolher “marginais”, mantendo-os presos, além disso, duas semanas antes do início dos jogos, os ciganos residentes em Berlim que, como os judeus, haviam sido declarados estrangeiros pelas Leis de Nuremberg, foram detidos e levados para longe dos olhos dos turistas, posteriormente foram reassentados nos campos de concentração de Birkenau e

Auschwitz; os cartazes proibindo a entrada de judeus em prédios públicos, que estavam espalhados por todas as cidades desde a promulgação das Leis de Nuremberg, foram retirados silenciosamente antes dos jogos. (FRIGERI, 2013, p. 601)

Sobre a propaganda, o filme oficial dos Jogos Olímpicos de 1936 e sobre o espetáculo em si, Shirer *apud* Pereira afirma que

[...] sob um ponto de vista geral, os nazistas fizeram uma ótima propaganda. Impressionaram a maioria dos visitantes estrangeiros com a forma extravagante, porem agradável, com a qual organizaram os Jogos e com suas atitudes gentis, que para nós que viemos de Berlim, pareceram como é natural, inteiramente falsas [...] Mas o interesse de Berlim está concentrado nos Jogos Olímpicos, com início marcado para a próxima semana, e os nazistas estão se excedendo a si mesmos afim de criar uma impressão favorável aos visitantes estrangeiros. Construíram um magnifico campo de esportes, dotado de um estádio com capacidade para 100.000 espectadores, outro para as provas de natação, capaz de alojar 10.000 assistentes e outras coisas mais. [...] Receio que os nazistas tenham conseguido o sucesso esperado com a sua propaganda. Primeiramente, organizaram os Jogos numa escala nunca experimentada anteriormente, o que calou fundo no espirito dos atletas. Depois, organizaram uma ótima “fachada” para ser vista pelos visitantes, especialmente pelos grandes homens de negócios que aqui se encontram. Ralph Barnes e eu interrogamos a esse respeito alguns empresários americanos, que conhecíamos de outras épocas. Todos afirmaram francamente que se sentiam favoravelmente impressionados com o “espetáculo” nazista. Revelaram-nos que tinham conversado com Goering, que lhes afirmara que nós, os correspondentes norte-americanos, ag amos com deslealdade para com os nazistas. (SHIRER *apud* PEREIRA, 2012, p. 316)

Tal afirmação denota a fôrça da propaganda nazista que apesar de veicular uma ideologia tão maligna, conseguiu em certo nível ludibriar os espectadores e participantes dos Jogos de 1936, passando a imagem de uma Alemanha boa para todos. A guerra   travada antes mesmo da primeira bala ser disparada, ela começa na mente.

Analisando mais superficialmente, o filme Olympia t m m nos d  indícios de que, com uma maior promoção do esporte na nação, seu desempenho em competições esportivas   melhor, fato atestado pela boa participação da Alemanha na maioria das provas olímpicas e a conquista de muitas medalhas. É claro que, medalhas não são indicativos de uma educação física de qualidade, porém, refletem aparentemente um maior trabalho de base para captação e treinamento de atletas. Se

faz necessário também, lembrar que, em mais de meio século, os jogos mudaram imensamente em relação as regras, provas disputadas, tecnologias, delegações envolvidas, etc. Sendo que esta última foi também responsável pelo grande destaque alemão nas provas, pois com pouco mais de 50 países envolvidos e uma conjuntura mundial de pouco favorecimento ao esporte, a concorrência dos atletas alemães foi bem menor do que é nos dias de hoje. Atualmente, muitas provas têm como favoritos atletas asiáticos, africanos e sul-americanos, diferente das Olimpíadas de 1936, onde a grande maioria das delegações eram de origem europeia.¹ Caso os Jogos de Hitler tivessem acontecido recentemente, a falsidade de suas teorias de supremacia através da raça estaria mais do que comprovada, pois não haveria apenas alguns “Jesse Owens” nos pódios, mas uma legião de atletas não-arianos medalhistas.

Pode-se observar também no filme que o confronto esportivo é uma simulação da guerra, mas por outros meios, de modo que é explícito a ideologia nazista tentando a todo custo ser exaltada no decorrer das filmagens, transmitindo ao espectador os seus valores. Alguns exemplos são quando o narrador refere-se a certos atletas apenas como “Negro”, evidenciando sempre a diferença racial, e no caso da primeira vitória de Owens, atribuída ao vento a seu favor. Além de rebaixar os feitos dos atletas negros ou de reduzir os atletas a cor de suas peles, a narração também faz o inverso, promovendo os atletas condizentes ao modelo nazi de corpo, como no caso do trio finlandês correndo a maratona e os comentários “Três atletas, um país, uma vontade!”, supervalorizando aqueles de raça tida como mais pura em detrimento aos demais (HERNÁNDEZ, 2010, p. 7)

Outro fato amplamente relacionado à Educação Física, e que não pode ser deixado de lado devido ao grande impacto na ideologia nazista, é o culto ao corpo.

Não podemos negar que a função que Hitler estabelecia ao corpo de sua nação era a supremacia racial. Em nome desta superioridade, ocorreu o domínio das práticas desportivas e se justifica a eutanásia e a eugenia. O corpo germânico da nação se submeteu a este ideal. (FERREIRA M., 2002, p. 142)

¹ Quadro disponível em Anexo, p. XX, e em:
<https://en.wikipedia.org/wiki/1936_Summer_Olympics_medal_table>. Acesso em 27 Set. 2016.

Dando prosseguimento, assim, a um projeto de embelezamento da raça através de campanhas higienistas, antissemitas e xenófobas. O nazismo propõe um modelo correto de corpo, incitando direta e indiretamente toda nação alemã a buscar esse modelo. Leni também se preocupa muito em mostrar em Olympia a perfeição do corpo belo, ela o faz em diversos momentos, nas cenas iniciais dos atletas gregos-germanos, na sincronia das mulheres se exercitando, na nudez dos corpos e esculturas e nas performances dos atletas. O filme, bem como os cartazes de propaganda e demais veículos formativos nazistas, contribuíram para solidificar no imaginário popular o modelo de corpo belo, forte e saudável.

Se não lembrássemos que, por detrás desse panorama cheio de beleza, existisse a experiência do nazismo, com sua degradante teoria de limpeza social e de anti-semitismo, com sua arrogância de supremacia, certamente nós nos deleitaríamos nessa visão do esporte como um espetáculo de beleza. (FERREIRA M., 2002, p. 146)

Ainda ao analisar o modelo de corpo nazista, pode-se encontrar diversas semelhanças aos modelos midiáticos de corpo da sociedade contemporânea, em relação a cor de pele mais bela, a cor de olhos mais bonita, a simetria do rosto, dentre outras. De modo semelhante a população alemã do Terceiro Reich, os indivíduos da atualidade continuam a procurar o mesmo ideal de beleza, lutando para se enquadrar em um modelo imposto pela mídia e propaganda. Como destaca Feitoza,

O ideal obcecado pelas imagens de perfeição física e social pressupõe uma pureza que é celebrada sob o disfarce reativo de um saudável multiculturalismo. Mas a palavra “saudável” nesse caso não se inscreve à toa nesse enunciado. Ela é uma força imperativa, um “dever ser” que vitima o desejo e acaba invertendo-se em psicossoma, na captura literal do corpo pelo discurso de poder, como acontece à anorexia e à vigorexia: doenças do fascismo contemporâneo. Bloqueio do pensamento, da idéia, da imaginação, das linhas de fuga... tudo porque o poder se travestiu de simetria e músculo. (FEITOZA, 2012, p. 463)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dissertar sobre qualquer tema histórico é difícil. Como exposto anteriormente, a distância temporal, física, cultural e ideológica entre o pesquisador e seu objeto de estudo dificultam demasiadamente a leitura sobre o fato em questão. Essa dificuldade se torna ainda mais complexa, se o objeto de estudo for relativo ao período nazista. Apesar de extensamente pesquisado, ainda amedronta a muitos o fato e o questionamento de como tudo isso pôde acontecer, há menos de cem anos. O Terceiro Reich (1933 – 1945) se mostra complexo, não só pelas perseguições em si ou pela Segunda Grande Guerra (1939 – 1945), mas pelos detalhes, pelas entrelinhas que moveram toda uma nação a agir e a pensar conforme os ideais de Adolf Hitler, cometendo crueldades que ainda hoje não conseguimos entender.

Tendo em vista toda essa complexidade, fica difícil discorrer apenas sobre um assunto, como foi o caso deste trabalho. Não há como falar apenas da Educação Física no período nazista e não falar sobre a figura do *Führer*, ou falar sobre este e não sobre seus ideais, um assunto se liga ao outro tão fortemente que separá-los por completo – se isso for possível – faz com que acabem pobres de conteúdo. Desta maneira, o trabalho se propôs a realizar uma reflexão sobre uma pequena fração histórica do nazismo, ainda que de grande importância para o período. Assim, da mesma forma que definir o nazismo, ou o período nazista, em poucas palavras é impossível, definir os Jogos de Hitler e o filme Olympia é igualmente difícil. De maneira simplória, definiria Olympia – compilando aqui tanto o longa-metragem, quanto as Olimpíadas de 1936 – como um espetáculo, um espetáculo esportivo de beleza nunca antes visto dessa forma, mas conduzido por uma ideologia nefasta.

Se aprofundando nas diferentes facetas do Terceiro Reich (1933 – 1945) e observando o quadro como um todo, fica claro como diversos fatores propiciaram um ambiente favorável à ascensão de Hitler ao poder e o desenvolvimento de tal governo. Podemos de modo simples elencar alguns fatores, como por exemplo a história do povo germano, sua derrota na Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918), as experiências de vida de Adolf Hitler, o sentimento antissemita presente na Europa e muitos outros, que se houvessem ocorrido separadamente, talvez não trouxessem tanto impacto, mas combinados foram o horror.

A imagem passada para a maioria das pessoas é de que o poder nazista foi simplesmente a sua força bélica, seus soldados e sua tecnologia, porém ao pesquisar

o tema mais a fundo vesse que a juventude teve um papel gigantesco tanto na guerra quanto no dia-a-dia alemão. Um grande público, pouco crítico e com muita vontade de lutar por algo, foi a combinação perfeita que levou a juventude alemã à um engajamento tão ferrenho na propagação dos ideais nazistas e na guerra. A juventude alemã também foi a base perfeita para se desenvolver uma educação física bélica e esportivista, contribuindo assim para o bom desempenho da nação tanto nos estádios, quanto nos campos de batalha.

Apesar de clara a relação entre a Educação Física e o filme Olympia no âmbito esportivo, ao analisarmos um pouco mais a fundo, vemos que a disciplina do corpo permeia todo o longa-metragem, desde a concepção de corpo belo até os valores cultivados pelo regime nazista, sendo um forte exemplo dos ideais que guiaram o Terceiro Reich (1933 – 1945) e um alerta para refletirmos nossa prática docente acerca do que queremos reproduzir – ou não – com nossos estudantes.

Ao relacionarmos também o culto ao corpo durante o Terceiro Reich e o momento atual da sociedade, vemos que o modelo de corpo ideal ainda existe, e é fortemente pressionado pela mídia no imaginário popular, nos levando a outra reflexão, até onde a ideologia nazi-facista de corpo belo se faz presente em nossa vida cotidiana? Continuamos a reproduzi-la? Como desconstruir e desnazificar esse modelo? Essas e outras perguntas são de extrema importância para refletirmos sobre nossa prática quanto indivíduos e docentes que somos, sobretudo no âmbito da Educação Física.

REFERÊNCIAS

- BLEUEL, H. P. **O sexo na Alemanha Nazista**. Tradução de Theobaldo de Souza. Schetz Verlag, 1972. Distribuidora Record e Serviços de Imprensa S.A. Rio de Janeiro. Título original: Das Saubere Reich.
- BRANDT, C. A. Regime nazista: as teorias ideológicas e educacionais moldando a formação do indivíduo nazi. Trabalho de Conclusão de Cursos em Pedagogia - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro: [s.n.], 2011.
- BRANDT, C. A. Vasculhando baús de memórias do nazismo por imagens: olhares e possibilidades diversos. Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2014.
- FEITOZA, F. Leni Riefenstahl: profeta do fascismo midiático. **Contemporanea | comunicação e cultura**, vol.10, n.02, 446 – 465, mai. – ago. 2012.
- FERREIRA, F. M. Olympia, o triunfo do corpo. 2002. Monografia do curso de Comunicação Social – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2002.
- FERREIRA, K. S. **Os Jogos Olímpicos de 1936 (Berlim) e a busca da perfeição atlética**. Associação Nacional de História - ANPUH - XXIV Simpósio Nacional de História. São Leopoldo, 2007.
- FRIGERI, R. A. Sedução nazista na tela cinematográfica: vida e obra de Leni Riefenstahl. In: COLÓQUIO NACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNERO E HISTÓRIA, 2013, Guarapuava. **Anais**. Guarapuava: LHAG/UNICENTRO, 2013. p. 597 – 608.
- GIL, A. C. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. 12. Reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.
- GORDON, T. J. Fascism and the female form: Performance art in the Third Reich. Journal of the History of Sexuality, Texas, vol. 11, n. 1 e 2, p. 164 – 200, 2002.
- HANNOUN, H. **O nazismo: Educação? Domesticação...** Fundamentos Ideológicos da formação nazi. Tradução de Fátima e Carlos Gaspar. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- HERNÁNDEZ, S. R. Leni Riefenstahl y la estética fascista; prueba de la imposibilidad de un arte apolítico. Revista Observaciones Filosóficas, n. 11, 2010.
- HITLER, A. **Minha luta – Mein Kampf**. Trad. De Klaus Von Puschén. São Paulo: Centauro, 2001.
- KLEMPERER, V. **LTI: A linguagem do Terceiro Reich**. Tradução de Miriam Bettina Paulina Oelsner. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

KOCH, H. W. **A juventude hitlerista: Mocidade traída**. Tradução de Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Ed. Renes, 1973.

MACKENZIE, M. From Athens to Berlin: The 1936 Olympics and Leni Riefenstahl's Olympia. Critical Inquiry, Chicago, vol. 29, n. 2, p. 302 – 336.

MICHAUD, Eric. História dos Jovens 2 - A época contemporânea. “**Soldados de uma idéia**”: Os jovens do Terceiro Reich. In: LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude (org), Tradução de Paulo Neves, Nilson Mulin, Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 291-317.

OLYMPIA [Olympia]. Direção de Leni Riefenstahl. Alemanha: s.n., 1938. 1 DVD (203 min. aprox.)

PEREIRA, W. P. **O poder das imagens**: Cinema e política nos governos de Adolf Hitler e de Franklin D. Roosevelt (1933 – 1945). São Paulo: Alameda, 2012.

RODRÍGUES, M. G. Olympia: la mirada femenina sobre los juegos olímpicos de Berlín. Movimento, Porto Alegre, vol. 18, n. 3, p. 89-95, 2002.

ROVAL, M. L. Imagem e técnica como itinerário das ciências sociais: considerações sobre o cinema de Leni Riefenstahl. Revista brasileira de ciências sociais, vol. 24, n. 71, 2009.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 21.ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2000.

TORREGROSA, D. C. N. Leni Riefenstahl. "gotterdamerung" del cine alemán. Panta Rei, Murcia, vol. III, p. 69-78, 1997.

WIKIPEDIA, the free encyclopedia. 1936 Summer Olympics medal table. 09 ago. 2016. Disponível em:
<https://en.wikipedia.org/wiki/1936_Summer_Olympics_medal_table>. Acesso em:
27 set. 2016.

Anexo

1. Quadro de medalhas dos Jogos Olímpicos de Berlim de 1936

Ranking	Nação	Ouro	Prata	Bronze	Total
1	 Alemanha	33	26	30	89
2	 Estados Unidos da América	24	20	12	56
3	 Hungria	10	1	5	16
4	 Itália	8	9	5	22
5	 Finlândia	7	6	6	19
	 França	7	6	6	19
7	 Suécia	6	5	9	20
8	 Japão	6	4	8	18
9	 Holanda	6	4	7	17
10	 Grã-Bretanha	4	7	3	14
11	 Áustria	4	6	3	13
12	 Tchecoslováquia	3	5	0	8
13	 Argentina	2	2	3	7

Ranking	Nação	Ouro	Prata	Bronze	Total
	 Estônia	2	2	3	7
15	 Egito	2	1	2	5
16	 Suíça	1	9	5	15
17	 Canadá	1	3	5	9
18	 Noruega	1	3	2	6
19	 Turquia	1	0	1	2
20	 Índia	1	0	0	1
	 Nova Zelândia	1	0	0	1
22	 Polônia	0	3	3	6
23	 Dinamarca	0	2	3	5
24	 Letônia	0	1	1	2
25	 Romênia	0	1	0	1
	 África do Sul	0	1	0	1
	 Iugoslávia	0	1	0	1
28	 México	0	0	3	3

Ranking	Nação	Ouro	Prata	Bronze	Total
29	 Bélgica	0	0	2	2
30	 Austrália	0	0	1	1
	 Filipinas	0	0	1	1
	 Portugal	0	0	1	1
Total:		130	128	130	388